



Alunos:

Carlos Alberto Freitas Azevedo

Pedro Agostinho Miranda Ribeiro

Sílvia Clara Moreira dos Santos Gomes

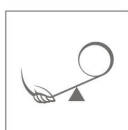
Pós-Graduação TIC em Contextos de Aprendizagem

**M-learning: o contributo dos Podcasts  
na aprendizagem do Inglês**

Orientador:

Dr. Renato Rodrigues

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_



**Pós graduação**  
TIC em Contextos de  
Aprendizagem



Alunos:

Carlos Alberto Freitas Azevedo  
Pedro Agostinho Miranda Ribeiro  
Sílvia Clara Moreira dos Santos Gomes

Projeto de Investigação

## **M-learning: o contributo dos Podcasts na aprendizagem do Inglês**

Curso: Pós-Graduação TIC EM CONTEXTOS DE APRENDIZAGEM

Sob a Orientação de:

Dr. Renato Rodrigues

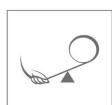
Assinatura do Orientador:

---

Classificação Final (Nota de Júri):

---

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_



Pós graduação  
TIC em Contextos de  
Aprendizagem



## Declaração dos Autores

Declaramos que o trabalho de investigação apresentado foi levado a cabo de acordo com o regulamento da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. O trabalho é original, exceto onde indicado por referência especial no texto. Quaisquer visões expressas são as dos autores e não representam de modo nenhum as visões da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. Este trabalho, no todo ou em parte, não foi apresentado para avaliação noutras instituições de ensino superior portuguesas ou estrangeiras.

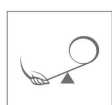
Assinatura dos Alunos:

---

---

---

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_



Pós graduação  
TIC em Contextos de  
Aprendizagem

## Sumário

O trabalho que se segue surge no âmbito da Pós-Graduação TIC em Contextos de Aprendizagem, realizada na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, no ano letivo de 2010/2011, sob a orientação do Dr. Renato Rodrigues.

Tentou-se a construção de um projeto potenciador de mudança educativa na aprendizagem da Língua Inglesa, demonstrando todas as potencialidades das ferramentas digitais ao dispor do professor, neste caso o *Podcast*, o *blogue* e os telemóveis.

Neste sentido, o grande desafio que se nos coloca, será disponibilizar recursos, bem como incentivar os próprios professores para a utilização das TIC, como forma de motivação dos alunos para a aprendizagem da Língua Inglesa, promovendo o seu sucesso futuro. Usando uma metodologia assente em pressupostos de e-learning, mais concretamente m-learning, pretende-se demonstrar que se podem retirar inúmeras vantagens para as práticas docentes e aprendizagens, quando aliadas as vantagens do tradicional ensino presencial às de um ensino não-presencial, criando um modelo educacional “híbrido”. Só assim, a escola será capaz de criar alunos, futuros cidadãos, capazes de tomarem parte ativa na chamada sociedade da informação.

O projeto prático delineado por nós poderá ser consultado seguindo o endereço [www.carlospacos.podbean.com](http://www.carlospacos.podbean.com).

## **Abstract**

This project comes under the Post-Graduate of ICT in the learning done in the School of Education Paula Frassinetti in the academic year 2010/2011, directed by Dr. Renato Rodrigues.

We tried to build a project capable of generating change in English Language learning, showing all the potential of digital tools available for teachers, in this case podcasts, blogs and mobile phones.

There in, the greatest challenge we have to face is to turn resources available, as well as motivate the teachers to use ICT, as a way to motivate students to learn the English Language, promoting their future success. Using a methodology based on e-learning standards, specifically m-Learning, we intend to show that several advantages can come out to teaching and learning methods when we ally the advantages of the traditional face-to-face learning method to the ones of non face-to-face, creating an “hybrid” educational model. Just so, school will be able to raise students, future citizens, able to take active part in the so called society of information.

The project we designed can be consulted at [www.carlospacos.podbean.com](http://www.carlospacos.podbean.com).

# Índice

Introdução.....	3
1. Vidas digitais.....	5
1.1. Relação dos Jovens com os telemóveis.....	5
1.2. Jovens e escola: novas competências.....	6
1.3. Mobilidade e ambientes de aprendizagem.....	7
1.3.1. <i>E-learning e M-learning</i> .....	7
1.4. Mobile Learning e o Ensino a Distância.....	9
1.4.1. <i>M-learning: uma nova fase do e-learning</i> .....	9
1.4.2. <i>Vantagens e Dificuldades</i> .....	12
1.5. M-Learning: Estudos, Projetos, Conteúdos e Aplicações.....	14
1.5.1. <i>Estudos e Projetos em m-learning</i> .....	16
2. Contributos dos <i>Podcasts</i> na Aprendizagem.....	19
2.1. O que são <i>Podcasts</i> .....	19
2.2. Características dos <i>Podcasts</i> .....	23
2.3. Tipo de <i>Podcast</i> .....	24
2.4. Formato do <i>Podcast</i> .....	25
2.5. Duração.....	26
2.6. Autor.....	27
2.7. Estilo.....	28
2.8. Finalidade.....	28
3. Boas Práticas.....	29
3.1. <i>Podcasts</i> e a Educação.....	29
3.2. <i>Podcasts</i> em Portugal.....	35
3.3. <i>Podcasts</i> no Inglês.....	39
3.4. A utilização pedagógica do Blogue com os <i>Podcasts</i> .....	44
3.5. O Ambiente Virtual de Aprendizagem.....	46
3.6. Vantagens dos <i>Podcasts</i> .....	48
4. O que é um <i>QRCode</i> .....	51
5. Desenho Metodológico.....	52

5.1. Âmbito do Projecto .....	52
5.2. Apresentação do portal.....	53
6. Divulgação do Projeto .....	60
7. Considerações Finais .....	61
Bibliografia .....	62
Anexos.....	I

## Índice de Figuras

Fig.1 – Comunidade <i>Podcast</i> Portugal.....	36
Fig.2 – Portal Alojamento <i>Podcasts</i> .....	53
Fig.3 – Aspecto geral do Blogue .....	53
Fig.4 – Menu de Opções Gerais.....	54
Fig.5 – Tipo de Ficheiros Suportados.....	55
Fig.6 – Construção das Diferentes Páginas.....	55
Fig.7 – Gestão das Páginas.....	56
Fig.8 – Botão <i>Mobile Site</i> .....	56
Fig.9 - Endereço a Copiar .....	57
Fig.10 – Gerar o <i>QR-Code</i> .....	57
Fig.11 – QR-Code.....	58
Fig.12 – QR-Code em Texto.....	59

## Introdução

O trabalho que se segue surge no âmbito da Pós-Graduação TIC em Contextos de Aprendizagem, realizada na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, no ano letivo de 2010/2011, sob a orientação do Dr. Renato Rodrigues.

Atualmente torna-se impossível conceber uma escola de futuro que se abstraia das exigências que comandam a sociedade que a rodeia, onde a competitividade é crescente, e que já não se revê nos tradicionais métodos de ensino/aprendizagem. Por isso mesmo, novas metodologias deverão impor-se, interpretando o ensino como um ato de produção, criação e principalmente interação.

Não se pense, no entanto, que o uso das tecnologias é, por si só, uma renovação pedagógica, pois essa é uma função do professor, para quem as TIC são apenas um meio para atingir esse fim. As tecnologias assumem apenas o papel de ajudar a transformar práticas, depois de conseguir quebrar a resistência que a escola e, nomeadamente os professores, revelam contra a sua integração, em substituição dos tradicionais métodos impressos. Apesar desta resistência, torna-se importante que se continue a sensibilizar o meio escolar para a necessidade e a utilidade de mudar práticas por forma a que os alunos tenham a possibilidade de usar ferramentas mais colaborativas e potenciadoras da comunicação, características intrínsecas ao processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, como o Inglês. Só assim, a escola será capaz de criar alunos, futuros cidadãos, capazes de tomarem parte ativa na chamada sociedade da informação.

Note-se que um ensino integrador das TIC, neste caso *Blogues*, *Podcasts* e telemóvel, contribui para o melhorar de um desempenho futuro ao nível profissional, já que, através do reforço da autonomia e da auto-aprendizagem, torna os alunos responsáveis no seu processo de aprendizagem, preparando-os para serem mais ativos e interventivos na sua vida social e profissional, onde, com certeza, o mobilizar de competências na área dos *Podcasts*, dos *Blogues* e da Língua Inglesa poderão



ser determinantes, dada a importância que ocupam já numa sociedade cada vez mais globalizada.

O uso das TIC poderá ser o ponto de partida para o redesenhar do panorama educativo em Portugal, pois estas tornam possível a criação e o aumento do conhecimento e a melhoria da acção educativa da escola (Bolívar, 1999).

A utilização de *Blogues* e *Podcasts* na aprendizagem de uma língua permite que o aluno possa estudar em qualquer lugar e a qualquer hora, levando-o a aprender, também, a gerir as suas aprendizagens.

Permite, ainda, que os alunos usem a Língua de forma autêntica, interagindo com pessoas reais, alargando vocabulário, melhorando competências e, por conseguinte, os alunos tornam-se produtores de conteúdos, deixando o seu cunho na sociedade, pelas opiniões e trabalhos a serem publicados, ficando ao dispor de qualquer utilizador através da Internet.

Somado a tudo isto, está a criação de contextos de aprendizagem novos, concretos e reais, geradores de uma aprendizagem da língua inglesa mais interativa e prática.

Finalmente, mas não menos importante, refira-se a possibilidade que os alunos têm de desenvolver trabalhos colaborativos e cooperativos, através do uso de estratégias, também elas, práticas e interativas.

Considerados estes pressupostos, tentou-se a construção de um projeto potenciador de mudança educativa na aprendizagem da Língua Inglesa, demonstrando todas as potencialidades das ferramentas digitais ao dispor do professor, neste caso o *Podcast*, o *Blogue* e os telemóveis.

O grande desafio que se nos coloca, será disponibilizar recursos, bem como motivar os próprios professores para a utilização das TIC e, conseqüentemente, motivar os alunos para as aprendizagens, promovendo o seu sucesso futuro.

# 1. Vidas digitais

## 1.1. Relação dos Jovens com os telemóveis

O telemóvel é uma das tecnologias digitais mais utilizada na vida das pessoas e que veio alterar significativamente os hábitos e estilos de vida da sociedade atual.

Perante esta realidade, é inevitável que nos questionemos sobre o impacto que estes equipamentos poderão ter nas escolas, nos locais de trabalho e nos relacionamentos interpessoais em geral (Lasica, 2007).

Nos últimos anos temos vindo a assistir a um aumento do potencial e funcionalidades dos telemóveis e a uma diminuição do seu preço e tamanho. Os modelos actuais, para além do telefone, têm outras funcionalidades integradas e os equipamentos de topo de gama são verdadeiros computadores de bolso, com sistema operativo e aplicações informáticas de elevado potencial.

Os jovens que hoje frequentam as escolas nasceram já com a presença constante da linguagem digital. A comunicação digital tornou-se tão frequente e natural como a comunicação face-a-face e a omnipresença da tecnologia e das formas digitais de comunicação nas vidas dos jovens leva alguns autores a falarem de “vidas digitais” (Green & Hanon, 2007).

O facto de esta geração estar quase permanentemente disponível para a comunicação digital através de equipamentos portáteis, levou a que Oblinger (2004) a identificasse como geração “*always-on*”.

Apesar do telemóvel potenciar a ligação entre contextos de aprendizagem informais e formais, a forte relação dos jovens com este tipo de equipamento não foi bem recebida pelas escolas por o considerarem como potencialmente perturbadora dos sistemas de aprendizagem formal. Embora a grande maioria das escolas proíba a sua utilização nas salas de aula, é cada vez mais evidente e frequente que os jovens os utilizam de forma perturbadora e dissimulada.

As práticas digitais estão fortemente ligadas à identidade dos jovens e proporcionam-lhes aprendizagens criativas. No entanto, são, na sua maior parte, exercidas em contextos exteriores à escola. Esta deve valorizar essas aprendizagens e competências e proporcionar aos jovens um espaço que permita o seu desenvolvimento para a construção do conhecimento.

## ***1.2. Jovens e escola: novas competências***

Atualmente constatamos que os contextos de aprendizagem não se resumem ao espaço escola, mas sim a novos contextos onde as formas de interação e comunicação são mediadas por tecnologias digitais. Deste modo, podemos questionar se a escola, tanto no que diz respeito ao que ensina, assim como à forma como ensina, está adequada aos tempos actuais, ou se está a ficar desfasada do mundo que a rodeia (Owen, Grant, Sayers, & Facer, 2006).

O conceito de aprendizagem pode adquirir um novo significado se considerarmos que as tecnologias móveis permitem mudar o foco do conhecimento factual para o conhecimento de como pesquisar sobre alguma coisa. Hoje em dia necessitamos de competências relacionadas com o ser capaz de distinguir fontes de informação fidedignas das que não têm credibilidade. Por outro lado, devemos saber filtrar e analisar criticamente as diversas fontes de informação.

Numa sociedade que se caracteriza pela globalização e mediatização da informação, o uso do telemóvel promove o desenvolvimento de competências de utilização de conteúdos digitais e de realização de tarefas colaborativas. No entanto, o sistema educativo ainda não oferece respostas adequadas aos desafios colocados pelas práticas digitais criativas e pelas competências de comunicação que têm sido desenvolvidas pelos jovens no seu quotidiano, pois o conceito de conhecimento e o processo de aprendizagem é questionado pelas formas digitais de identidade (Figueiredo & Afonso, 2005).

A Escola ao incluir os dispositivos móveis no processo de ensino/aprendizagem acaba por usufruir das vantagens do uso das TIC de uma forma gratuita. Os pais e encarregados de educação compram telemóveis aos seus filhos desde muito cedo e deve-se, desta forma, apostar no seu uso responsável. É necessário inculcar nos alunos que o telemóvel é muito mais do que um brinquedo e, antes de mais, um dispositivo de comunicação e de construção de conhecimento.

### **1.3. Mobilidade e ambientes de aprendizagem**

Num mundo crescentemente interativo, onde a concretização do potencial de cada lugar ou região depende cada vez mais da capacidade de participar de forma ativa em diferentes redes de circulação de pessoas, bens e conhecimento, a mobilidade surge como um fator básico de desenvolvimento.

No que respeita a tecnologias móveis, as empresas de hoje estão a integrar a mobilidade na sua infra-estrutura empresarial, independentemente da dimensão que possuem. Na generalidade, as forças de trabalho de empresas reconhecem o valor da mobilidade e estão na linha da frente. A mobilidade e a conectividade são essenciais para a competitividade.

#### **1.3.1. E-learning e M-learning**

O ensino tradicional, tal como o conhecemos, é feito de forma presencial na sala de aula onde o professor apresenta o material de aprendizagem a um grupo de alunos. Este processo de aprendizagem depende da interação e participação entre o professor e os alunos. Obviamente que tem muitas vantagens, como sendo o contacto direto e a obtenção imediata do *feedback* entre os intervenientes.

Com o rápido crescimento das tecnologias de informação e comunicação tornou-se possível o aparecimento de novas formas de ensino que proporcionam novos meios de combater as lacunas do ensino tradicional.

A mobilidade aplicada ao ensino não constitui, por si, uma novidade, podendo ser associada a setores tão distintos como os cursos por correspondência tradicionais ou ao movimento das universidades abertas nos quais se presume a liberdade individual para aprender onde e quando se quer. No entanto, com o aparecimento da Internet e, posteriormente, de dispositivos portáteis, esta realidade ganhou uma maior expressão e profundidade. Há já muito tempo que as pessoas podem aceder a informação a partir de objetos suficientemente pequenos para os podermos transportar connosco, tais como os livros, situação que se traduz num contexto de *m-learning*, quando o associamos principalmente à mobilidade. Neste trabalho é utilizado o termo *m-learning* por ser assim reconhecido internacionalmente. Em português pode ser traduzido por aprendizagem móvel.

O ensino à distância partilha algumas características com o *m-learning* sendo parte do *e-learning*. Este tipo de ensino oferece novos métodos de educação à distância baseada em computadores e tecnologias de rede. Os conceitos de *m-learning* e *e-learning* entraram na agenda dos temas educacionais em análise, sendo estes, atualmente, dos mais discutidos no domínio da utilização das tecnologias de informação e comunicação na educação. Termos como: cursos *on-line*, ensino baseado na *Web*, apoio suportado por computadores e mesmo conceitos como o da universidade virtual, são cada vez mais comuns. Todos estes termos se encontram associados ao *e-learning*, que está em crescimento muito rápido, quer em ambientes educacionais, quer em ambientes corporativos.

## **1.4. Mobile Learning e o Ensino a Distância**

### **1.4.1. M-learning: uma nova fase do e-learning**

Para a definição de *m-learning* é fundamental a perspectiva tecnológica. Pode ser definido como uma atividade que permite aos indivíduos serem mais produtivos quando consomem, criam ou interagem com a informação, mediados por dispositivos digitais compactos e portáteis, que acompanham o indivíduo de forma regular, têm uma conexão à Internet e cabem num bolso ou numa carteira (Wexler, Brown, Metcalf, Rogers, & Wagner, 2008).

Segundo Hoppe e tal. (2003) o *m-learning* é uma evolução natural do *e-learning*, usando dispositivos móveis com conexão wireless.

Quando comparado com o ensino tradicional ou mesmo com o *e-learning*, o recurso ao *m-learning* será uma realidade apenas quando trouxer vantagens ao ensino, com novos tipos de actividades, novas experiências pedagógicas ou novos recursos.

Sharples *et al* (2007) consideraram como aspectos essenciais para a definição de uma teoria de *m-learning*: equacionar a mobilidade dos aprendentes; considerar os diferentes contextos de aprendizagem, formais e informais; encarar a aprendizagem como um processo construtivo e social; analisar a aprendizagem como uma atividade pessoal e situada, mediada pela tecnologia. Consideram ainda que a conversação é o processo orientador da aprendizagem. É o meio pelo qual negociamos diferenças, compreendemos as experiências uns dos outros e formamos transitoriamente interpretações estáveis do mundo.

De acordo com Sharples, Milrad, Arnedillo-Sánchez e Vavoula (2009) identificamos a mobilidade do *m-learning* em diversos contextos. Assim, a mobilidade do espaço físico, permite que as aprendizagens possam ser realizadas em diferentes locais, ou seja, a localização pode, ou não, ser relevante para a aprendizagem; a

mobilidade da tecnologia, na medida em que é possível a utilização de ferramentas e recursos portáteis, podendo incluir alternância entre equipamentos tais como o computador e o telemóvel); a mobilidade no espaço conceptual, tendo em conta que os numerosos episódios de aprendizagem quotidiana implicam mudanças da atenção do aprendente entre diferentes tópicos conceptuais, de acordo com o seu interesse pessoal, curiosidade e empenho na tarefa; mobilidade no espaço social, permitindo aos aprendentes o desempenho de diferentes papéis nos seus diversos grupos e contextos sociais (como por exemplo a família, o trabalho ou a sala de aula); aprendizagem dispersa no tempo na medida em que a aprendizagem é um processo cumulativo que envolve conexões e reforços dentro de uma diversidade de experiências de aprendizagem, em contextos formais e informais de aprendizagem.

Subjacente à mobilidade proporcionada pelos dispositivos móveis, que fornece a capacidade de aprendizagem “*anytime, anywhere*”, está a possibilidade de criação de experiências de aprendizagem fora da sala de aula. Esta questão discute também a informalidade da aprendizagem, possibilitada pela utilização de dispositivos móveis em qualquer lugar e a qualquer hora, não impondo um carácter tão formal como no modelo tradicional.

De acordo com o “paradigma pedagógico da instrução” (Trindade & Cosme, 2010) a informação assume uma centralidade inequívoca, de tal modo que o papel dos professores se “circunscreve, em larga medida, ao ato de ensinar e este, tal como Bruner (2000) o defende, tende a ser mais um ditado do que um diálogo. Este paradigma caracteriza-se pelo facto de se valorizarem mais as respostas dos alunos que as questões que estes possam colocar. Neste sentido, o recurso ao *m-learning* pode assumir uma importante função, quer como dispositivo capaz de estimular a recetividade dos alunos face à informação que os professores divulgam, quer como instrumento de gestão do processo educativo, garantindo um percurso programado dos alunos.

De acordo com o “paradigma pedagógico da aprendizagem” (Trindade & Cosme, 2010), a função da Escola consiste, acima de tudo, em promover o ato de aprender, identificando-se mais com o desenvolvimento de competências cognitivas

e relacionais do que com a apropriação de conteúdos construídos por outros. Neste caso, o *m-learning* permite uma utilização bastante limitada, dado que a apropriação de informação se subordina ao processo de desenvolvimento psicológico que a suscita.

É na reflexão produzida por Ausubel que se pode encontrar uma abordagem alternativa. Este autor defende que a possibilidade de alguém aprender depende da qualidade da informação que se divulga. Neste caso, o *m-learning* poderá assumir-se como um dispositivo capaz de suscitar “aprendizagens por recepção significativa” (Trindade & Cosme, 2010). Ausubel opõe, por um lado, as aprendizagens por recepção às aprendizagens pela descoberta e, por outro, as aprendizagens significativas às aprendizagens por memorização que exprimem não só outras formas de aprender como correspondem a outros estádios da aprendizagem dos sujeitos. De acordo com esta perspectiva, o *m-learning* pode ser utilizado como um contributo para os diversos tipos de aprendizagem.

Segundo o “paradigma pedagógico da comunicação” (Trindade & Cosme, 2010) a informação é entendida como um fator necessário ao processo de construção do saber. Ou seja, a mente constitui-se à medida que se utiliza e se usufrui da cultura humana e a atividade cognitiva deixa de ser entendida apenas em função dos mecanismos psicológicos que se ativam, para que os sujeitos se possam assumir como processadores de informação.

Perante este novo quadro pedagógico, o *m-learning* torna-se num dispositivo capaz de potenciar as aprendizagens dos alunos, ainda que num sentido diferente daquele que lhe era atribuído pelo paradigma da instrução. Para este paradigma os dispositivos de *m-learning* visariam assegurar a recetividade dos alunos face à informação a reter. Ao contrário, para o paradigma da comunicação a sua função seria a de facilitar o acesso dos alunos à informação, não como um fim em si mesmo, mas como um instrumento capaz de provocar um projeto de aprendizagem mais amplo que passa por memorizar informação enquanto etapa de um processo que se encerra quando o sujeito que aprende lhe atribui um significado e a incorpora



no conjunto das redes conceptuais em função das quais lê e intervém no mundo que o rodeia.

#### **1.4.2. Vantagens e Dificuldades**

O *m-learning*, tal como qualquer modalidade de ensino, oferece vantagens e desvantagens. Assim, de uma forma sintética, as vantagens inerentes à sua utilização são:

- Facilidade no transporte e no acesso à informação, que permite uma aprendizagem a qualquer hora e em qualquer lugar;
- Redução de custos (de uma forma geral, os telemóveis são mais baratos do que os computadores de secretária ou portáteis);
- Reutilização de conteúdos (que já é possível no *e-learning*);
- Alguns modelos possuem ferramentas para reconhecimento de escrita manual, tornando a escrita mais natural face à escrita por teclado.
- Flexibilidade (pode ser utilizado em diversos contextos e utilizando diversas correntes pedagógicas);
- Possibilidade de aprendizagem contextualizada no ambiente real em que a pessoa se encontra inserida;
- Possibilidade de novos ambientes de aprendizagem, utilizando ferramentas existentes no telemóvel;
- Encoraja a personalização da aprendizagem;
- Aumenta a responsabilidade do aluno;
- Potenciação do trabalho colaborativo;

- A escola, ao permitir que os alunos utilizem os seus próprios telemóveis, está a reconhecer que esta tecnologia é um recurso educativo, e que as aprendizagens realizadas fora do contexto escolar são válidas;
- Aumento da concentração, motivação e da confiança dos alunos;

Algumas das vantagens aqui referidas podem também ser encontradas no *e-learning*, e características importantes para um bom ensino ou aprendizagem são facilmente encontradas numa abordagem presencial do ensino.

Com esta perspetiva procura-se salientar que o *m-learning* é cada vez mais uma realidade, mas não será a chave para obter sucesso garantido no ensino, mas sim uma das chaves que, usada complementarmente com o *e-learning* e o ensino presencial, permitirão uma melhoria das condições de ensino.

Apesar da perspetiva de sucesso que se adivinha para o *m-learning*, podemos também identificar vários desafios que se lhe colocam neste momento:

- Desatualização rápida dos dispositivos e das tecnologias, obrigando a uma constante aprendizagem por parte das pessoas envolvidas neste processo;
- Diferentes sistemas operativos;
- Desenvolvimento de conteúdos, a falta de conteúdos educativos e as dúvidas de quem os irá produzir e como o irá fazer são questões pertinentes para as quais ainda não está bem definido o caminho a seguir;
- Dificuldade de visualização devido ao tamanho e resolução do ecrã;
- Configuração limitada de teclado;
- Bateria com pouca autonomia;
- Limitada capacidade de memória;
- Limitações na velocidade de acesso e no limite de tráfego;
- A aprendizagem implica que os sujeitos envolvidos neste tipo de práticas pedagógicas tenham um domínio dos respectivos sistemas operativos, de algumas aplicações informáticas;
- Nem todos dominarão completamente os diferentes aspectos da sua utilização, pelo que alguns utilizadores poderão sentir-se deslocados ou isolados.

- Poderá correr-se o risco de, não obstante a modernidade dos meios, se utilizarem conteúdos tradicionais que não se adequem às suas características.
- Desestabilização causada pelo telemóvel na sala de aula, levando quase sempre à proibição da utilização destes equipamentos nas salas.
- Dificuldade em coordenar um grupo de aprendizagem numa sala de aula com equipamentos com potencialidades diferentes;
- No que concerne às questões éticas, podemos encontrar dificuldades em assegurar o direito à privacidade e possíveis utilizações indevidas tais como copiar em exames, *bullying* e indisciplina;
- Possíveis prejuízos para a saúde pelas radiações emitidas pelos telemóveis.

### **1.5. M-Learning: Estudos, Projetos, Conteúdos e Aplicações**

Neste momento, os conteúdos educativos disponíveis constituem um dos principais desafios ao *m-learning*. Enquanto não surgirem conteúdos produzidos especificamente para os dispositivos móveis, tendo em conta as suas características e o tipo de ensino que se pretende realizar, não se podem ignorar todos os conteúdos já produzidos para o *e-learning* ou conteúdos pedagógicos existentes na forma digital.

Ainda não existem ferramentas de autor que permitam aos educadores criar de forma eficiente conteúdos pedagógicos nativos para o *m-learning*. Na falta destas normas, para quem mesmo assim deseja criar conteúdos, deverá ter em consideração o tipo e o grau de dificuldade das questões e a gestão do tempo. De uma forma mais específica, as principais características a ter em conta são:

- Os conteúdos *mobile* podem ser desde um simples SMS (*Short Message Service*) até conteúdos mais sofisticados tais como imagens multimédia;

- A informação a ser disponibilizada deverá ser curta e concisa, evitando conter textos muito extensos;
- As questões colocadas ao aluno deverão ser preferencialmente de resposta fechada, requerendo a inserção do menor número de caracteres possível, dando preferência às de resposta múltipla;
- A interface da aplicação deve prever a dificuldade do utilizador na inserção de caracteres e facilitar esse processo;
- O grau de dificuldade não deverá ser exagerado, dada a possibilidade de, frequentemente, as condições ambientais em que o indivíduo se encontra não serem as ideais para a aprendizagem, com a existência de fatores de distração e desconcentração;
- As atividades não deverão ser muito longas, pois o tempo disponível para a realização da mesma poderá ser muito curto, ou esta poderá ser interrompida por algum evento relacionado com o ambiente em que se encontra;
- As aplicações deverão permitir que o utilizador pare e recomece as atividades no mesmo ponto em que havia ficado sem algum prejuízo na sua resolução ou avaliação.

Torna-se assim importante o surgimento de ferramentas de autor, que permitam a produção de conteúdos pedagógicos de forma livre, bem como o surgimento de normas que permitam a organização e reutilização dos pacotes de conteúdos produzidos, já existentes para o *e-learning*.

Já é possível, por exemplo, aceder através de alguns telemóveis a conteúdos do *GoogleDocs*, tais como apresentações de diapositivos.

Outro exemplo é o atual desenvolvimento de um módulo para o *Moodle*, que também permite o acesso a alguns dos seus conteúdos através de um telemóvel. A comunicação entre um *LMS (Learning Management Systems ou SGA – sistema de gestão de aprendizagem)*, como o *Moodle*, e dispositivos móveis é vantajosa pelo facto de o aluno se ligar sempre à mesma plataforma independentemente do meio e dispositivos usados para realizar essa ligação, sendo essencial para que o professor

possa acompanhar, orientar e avaliar a aprendizagem dos seus alunos aplicando o *m-learning*.

### **1.5.1. Estudos e Projetos em *m-learning***

Já existem diversos estudos realizados sobre o *m-learning* e os seus impactos no mundo dos negócios, na educação e na cultura. Estes estudos apontam para que o *m-learning* seja cada vez mais uma realidade e que por isso não deve ser ignorada, dadas as vantagens que pode trazer para o seu uso em atividades lúdicas e educativas ou pedagógicas.

Seguem-se alguns projetos europeus fundacionais de *m-learning*:

**HandLeR** (HandheldLearningResource) – O projeto teve início em 1978 com um trabalho de estudantes de engenharia electrónica da Universidade de Birmingham que pretendiam, com base no conceito do *Dynabook* do início dos anos 70, desenvolver um computador pessoal interativo portátil, tão acessível e fácil de utilizar como um livro.

**MOBILearn** – projeto que envolveu 24 parceiros de dez países de Janeiro 2002 a Março 2005. O objetivo do projeto foi desenvolver e apoiar a aprendizagem fora da sala de aula, incluindo a aprendizagem em museus, estudar num mestrado da área das organizações e desenvolver conhecimentos médicos básicos.

**M-learning** – projeto liderado pela Learning and Skills Development Agency (LSDA) do Reino Unido e com a participação de instituições da Itália e Suécia. O público-alvo foi constituído por jovens dos 16 aos 24 anos que tinham abandonado o sistema educativo.

**From e-learning to m-learning e Mobile Learning: The Next Generation of Learning** – dois projetos liderados pela Ericsson com o objetivo de apoiar a formação profissional através do desenvolvimento de conteúdos educativos para telemóveis.

Alguns exemplos de projetos mais recentes:

**Learning2Go** – é um projeto em larga escala desenvolvido em escolas no Reino Unido. Envolve 18 instituições e mais de 1000 alunos do jardim-de-infância até ao ensino secundário.

**The ENLACE** – o projeto investiga a conceção e implementação de uma infraestrutura tecnológica para suporte de atividades colaborativas de aprendizagem dentro e fora da escola.

**myPadproject** – apoia o desenvolvimento de atividades de aprendizagem por parte de estudantes universitários quando estão fora da instituição.

Projectos de m-learning desenvolvidos para museus e outros contextos de aprendizagem informais:

**Mysteryatthemuseum** – grupos de estudantes envolvem-se em actividades colaborativas de resolução de problemas para aumentarem a sua interação com o museu.

**MyArtSpace** – este projeto permite a crianças que visitam um museu com a sua escola desenvolverem pesquisas e atividades de exploração relacionadas com o conteúdo do museu.

**Gidder** – este projeto tem como objetivo apoiar e desenvolver a construção da aprendizagem em vários contextos: escola e museus.

**BletchleyParkText** – este projeto permite a interação entre o envio de mensagens SMS e a informação disponibilizada no local e site do museu.

Em Portugal são já vários os exemplos de projetos que podemos encontrar, desenvolvidos por instituições públicas de ensino, a saber:

**Geração Móvel** – desenvolvido pela Escola Secundária Carlos Amarante de Braga, que promove a utilização de diversos equipamentos móveis em contexto curricular incluindo o telemóvel;

**SchoolSenses@Internet** – gerido pela Universidade de Coimbra, que explora a criação de informação multissensorial e georreferenciada no contexto das práticas do 1º ciclo, utilizando, entre outros recursos, os telemóveis e o Google Earth;

**mLearning** - do Centro de Competência em TIC da Escola Superior de Educação de Santarém, que desenvolveu *software* educativo específico para utilização em telemóveis;

**The role of mobile learning in European Education** – projeto gerido pela Ericsson e criado no âmbito do Programa Sócrates da União Europeia com a participação da TecMinho.

Para além de todas estas aplicações em contextos educativos, também os telemóveis têm sido utilizados em diversos projetos para diferentes finalidades e em países em vias de desenvolvimento. Neste âmbito, os telemóveis têm contribuído para a transformação de vários contextos económicos e sociais. Temos como

exemplo, gestão de micro pagamentos nas Filipinas, disponibilização de informação médica na Nicarágua, divulgação dos preços de colheitas no Quênia, encomenda à distância de produtos de pastelaria na Nigéria, sistema de extensão agrícola personalizada na Índia (Greengard, 2008; Underwood, 2008).

## 2. Contributos dos *Podcasts* na Aprendizagem

### 2.1. O que são *Podcasts*

O facto do áudio potenciar a aprendizagem mediada por dispositivos móveis, que por sua vez possibilitam a audição de um conteúdo e o desempenho simultâneo de outras actividades (Bell et al., 2007), tornam o *Podcast* muito atrativo no ensino à distância (*e-learning*), no ensino misto (*b-learning*) ou como complemento ao ensino presencial, sendo que a sua utilização nas duas primeiras modalidades pode ser uma forma de criar presença social (Seltzinger, 2006).

O *Podcast* é uma ferramenta que permite distribuir, de forma rápida e automática, conteúdos digitais (áudio, vídeo e documentos) pela Internet a partir de uma subscrição. O utilizador, após fazer a subscrição de um *Podcast*, irá receber no seu equipamento os episódios produzidos pelo autor, assim que estes estejam disponíveis na rede e que o programa agregador (iTunes, Juice, Winamp, etc.) reconheça a actualização do sítio do *Podcast*.

O *Podcasting* está baseado numa tecnologia também recente, mas posterior, que permite ao utilizador da Internet receber as actualizações dos seus sítios sem ter de os consultar: o *RSS* (Really Simple Syndication). Na verdade o *Podcasting* surgiu quando foi possível anexar a um *feed* (semente) um ficheiro multimédia.

A tecnologia surgiu quando se provou que era possível juntar a um código *XML* (eXtensible Markup Language) referências a ficheiros externos à página que estava a ser consultada. Assim (e com o auxílio de um programa agregador que lê os ficheiros *XML*) tornou-se possível ao utilizador fazer o download de ficheiros



multimédia para o seu computador sempre que estes estivessem disponíveis num servidor. Tal tecnologia teve os seus inícios em 2000, quando surgiu a necessidade de se criarem os primeiros *audioblogues* que, como associavam os conteúdos áudio ao texto, precisavam de uma nova tecnologia para distribuir mais facilmente esses conteúdos criados. Contudo, apenas em 2003 é que surgiram as primeiras linhas de código responsáveis pela automatização do processo a que atualmente chamamos *Podcasting*. Em Outubro desse ano, Adam Curry disponibilizou no seu *blogue* um *script* que permitia a transferência de ficheiros *MP3* a partir de servidor (através de um ficheiro *RSS*) para um leitor de música digital da *Apple* (*iPod*). Em Fevereiro de 2004, num artigo do jornal *the Guardian*, Ben Hammersley sugeriu uma série de nomes para esta nova forma de distribuição de conteúdos digitais. Crê-se que foi nesta altura que surgiu o termo “*Podcasting*”.

Esta expressão, nascida da junção das palavras inglesas “*pod*” (diminutivo no nome do leitor de música digital da *Apple: iPod*) e “*cast*” (diminutivo da expressão *broadcast* que significa emissão) procurou ilustrar o processo de distribuição pensado para os novos dispositivos multimédia digital.

Os grandes dinamizadores desta forma de tecnologia foram os produtores de conteúdos áudio como o *audioblogues* e as primeiras rádios na internet. Desde essa altura, principalmente nos países de expressão anglo-saxónica, o número e a abrangência dos conteúdos disponíveis em formato *Podcast* têm vindo a sofrer um aumento exponencial.

Podem criar-se *Podcasts* em ferramentas da *Web 2.0*, como o *Podomatic*, *MyPodcast* ou *Podbean* (usado por nós pela facilidade de conversão para leitura em regime *m-learning*), ou através de software de edição de som, como o *Audacity*. No ensino, há professores que os disponibilizam em ferramentas da *Web 2.0*, mas outros optam por os colocar no *LMS* (*Learning Management System*), como acontece com muitos dos professores do ensino superior (Carvalho et al., 2008a, Salmon & Edirisingha, 2008). A novidade dos *Podcasts* no ensino não reside propriamente no uso de som ou de vídeo mas, como salienta Campbell (2005), na “facilidade em publicar e na facilidade em subscrever”.

Acrescentam estes autores que alguns *Podcasts* combinam música e locução, mas outros são depoimentos, apresentação de conteúdos ou reflexões sobre determinados temas.

Poderão levar-se em conta três aspectos intrínsecos ao *Podcast* (Dixon & Greeson, 2006): o ficheiro é descarregado completamente antes de ser consumido; o utilizador dispõe da possibilidade de, através de um software de agregação (*podcatcher*), subscrever os canais ou fontes (*feeds*) que entender através da tecnologia *RSS* para descarregar automaticamente no seu computador *Podcasts* afins, logo que disponibilizados na Internet, e o seu conteúdo é acedido através de dispositivos móveis. No entanto a maioria dos *Podcasts* são ouvidos através de um computador fixo, o que compromete a característica de portabilidade do conceito. Mais de 80% dos *downloads* de *Podcasts* não chegaram a ser transferidos para dispositivos móveis (Dixon & Greeson, 2006).

Se muitos autores aludem ao termo *Podcast* de uma forma vaga, como sendo qualquer conteúdo áudio digital distribuído através da Internet (McLoughlin & Lee, 2007), esta definição será mais correta usando o conceito *audiocast*, pois para além do formato áudio, o *Podcast* abrange, mais recentemente, o formato em vídeo, designado *vodcast* ou *vidcast* ou então *screencast*, quando as imagens correspondem às do ecrã de um computador.

McCombs et al., 2007 e Salmon et al., 2008 referem ainda outro tipo de *Podcast*, chamado *enhanced Podcast*, que alia o áudio à imagem fixa.

O sucesso dos *Podcasts* prende-se com a sua grande facilidade de criação e publicação. Quando na *Web* podem ser descarregados a qualquer momento e ouvidos através de vários dispositivos, a qualquer hora, em qualquer lugar, mesmo em movimento (Evans, 2007; Green et al., 2008), sem a necessidade de ligação à Internet, indo ao encontro do que muitos autores afirmam ser a aprendizagem no futuro: aprender *anywhere and anytime* (Bottentuit Junior e Coutinho, 2008).

Como referem Geoghegan & Klass, 2005, "*Podcast puts the power to communicate into the hands of individuals*". "*Podcasting is not simply a new way to distribute audio*

*recordings, it's a form of expression, of interaction and of community building*" (Geoghegan & Klass, 2005: 5).

Um *Podcast* pode ser publicado numa grande variedade de *Websites* (Green et al., 2008; Huann & Thong, 2006) de forma bastante acessível, já que não são necessários conhecimentos de programação.

Não existe, contudo, consenso em torno de uma definição unívoca para o conceito de *Podcast*; Primo (2005) por exemplo, define *Podcast* como "um processo mediático que emerge a partir da publicação de arquivos áudio na internet"; para Moura e Carvalho (2006a) o termo *Podcast* refere genericamente a possibilidade de se poder descarregar conteúdos áudios da internet. No nosso caso, adotaremos a proposta de Bottentuit Junior e Coutinho (2007) para quem o *Podcast* é uma página *Web*, que se assemelha a um *blog*, que permite a utilização de texto, imagem, áudio, vídeo e onde os ficheiros áudio estão disponibilizados para descarregamento para dispositivos portáteis.

A tecnologia *Podcast* está a ser utilizada em contextos muito diversificados: no âmbito dos negócios como forma de disponibilizar o conteúdo de reuniões; em programas de telejornais e entretenimento bem como de carácter científico; e também na educação, onde começa a ser utilizada para a transmissão e disponibilização de aulas (Bottentuit Junior e Coutinho, 2007), muito especialmente para apoio à aprendizagem na formação em regime misto ou *b-learning* (Carvalho, 2008).

Sendo assim, entendemos o *Podcast* como uma forma de expressão cultural de uma sociedade digitalizada, que contribui para o desenvolvimento de formas individualizadas de produção, disseminação e armazenamento da informação.

Tomamos o termo "*Podcast*" como o equivalente ao descrito em Cruz & Carvalho (2007), isto é, um ficheiro digital, constituído por áudio e/ou vídeo, disponível, via Internet, para ser acedido e/ou armazenado, quando e onde se desejar, em qualquer suporte digital, pelo aluno ou pelo professor.

## 2.2. Características dos Podcasts

O tipo de *Podcast* está relacionado com a maneira como este será utilizado. Estes tanto podem constituir-se como um simples ficheiro áudio, como uma apresentação audiovisual.

Antes de iniciar a criação de um *Podcast*, o professor precisa de estar ciente que este é um processo que exige grande esforço e dedicação. Deve começar por desenhar-se um fio condutor que defina o objectivo e estilo de *Podcast* a ser elaborado: formal ou informal. No caso particular do ensino, “os *Podcasts* podem ser por disciplina, por unidades temáticas, etc., do tipo Expositivo/ Informativo, Feedback/ Comentários, Instruções/Orientações e Materiais autênticos” (Carvalho, 2009).

O elaborar de um *Podcast* para uso em contexto educativo deve ter em conta alguns princípios. Assim, e de acordo com Johnes (2005), um *Podcast* deve ser curto, contendo apenas elementos complementares e importantes relativamente ao que foi abordado em aula. Deve, também, ser provocador, levando os alunos a pensar, já que um espaço de reflexão deve estar contido no *Podcast*, sendo que, para isso, se incluam momentos de silêncio no mesmo. Desta forma, qualquer momento de reflexão que se pretenda do aluno, será levado a cabo nesse momento e não depois.

O *Podcast* pode ser utilizado pelo professor para rentabilizar tempo para apoiar os alunos de uma forma mais individualizada. “*This technology allows the teacher to be synchronized with her/his pupils beyond presenting advantages as the writing of lessons which makes possible the teacher to manage her/his time, over all, in lessons whose contents do not move significantly from one year to the other*” (Cruz & Carvalho, 2007).

Os *Podcasts* terão de estar integrados em planos de estudo, sendo que deles os alunos deverão retirar alguma vantagem. Neste campo, Carvalho (2009), apresenta-nos uma taxonomia de *Podcasts* com seis dimensões: tipo, formato,

duração, autor, estilo e finalidade. Defende que um *Podcast* deve ser de curta duração, simples, claro e conciso, baseado numa estrutura com princípio, meio e fim (Carvalho, 2009). Esta taxonomia serve como auxiliar para os professores poderem criar *Podcasts*.

### 2.3. Tipo de Podcast

- **Expositivo/Informativo** A utilização deste tipo de *Podcast* pode conter uma apresentação de um determinado conteúdo, uma síntese da matéria lecionada; um resumo de uma obra, de um artigo, de uma teoria; uma análise; excertos de textos; poemas; casos; explicações de conceitos, princípios ou fenómenos; descrição do funcionamento de ferramentas, equipamentos ou *software*;
- **Feedback / Comentários**, focam um comentário crítico aos trabalhos ou tarefas realizadas pelos alunos, podendo ser realizado pelo professor ou colegas. O comentário deverá ser sempre construtivo, salientando os aspectos positivos, bem como os aspectos a melhorar e a proposta de alternativas;
- **Instruções/Orientações**, mostram indicações e/ou instruções para realização de trabalhos práticos; orientações de estudo; recomendações, etc;
- **Materiais autênticos**, *Podcasts* feitos para o público, não só para estudantes de uma unidade curricular. Exemplos destes *Podcasts* são as entrevistas da rádio, excertos de telejornais e “*sketchs*” publicitários, entre outros. Este conceito é normalmente utilizado no ensino das línguas estrangeiras (Rosell-Aguilar, 2007), designando *Podcasts* feitos por nativos de uma língua para serem consumidos pelos nativos dessa mesma língua.

## 2.4. Formato do Podcast

Os *Podcasts* podem ser só áudio, só vídeo ou o combinar de imagem com locução, o que Salmon e Edirisingha (2008) apelidam de *enhanced Podcast*. O *Podcast* vídeo é chamado de *vodcast* (Salmon & Edirisingha, 2008) ou *vidcast* (Newbutt et al, 2008), ao que se junta também a possibilidade de captação do ecrã com locução, a que se chama *screencast*.

Será pertinente o uso do *vodcast* se for relevante para a compreensão do aluno o visualizar da imagem, como por exemplo numa demonstração, numa montagem de equipamento, numa intervenção cirúrgica, ou numa experiência no laboratório.

No caso do *screencast*, este torna-se mais pertinente para a elaboração de tutoriais que podem ser úteis em diferentes contextos, explicando como funciona determinado *software*, como pode ser explorado, etc. Tornam-se vantajosos pela economia de tempo que proporcionam ao professor, já que podem ser utilizados em diferentes turmas.

O *Podcast audio* (*audiocast*, de acordo com McLoughlin & Lee, 2007, Webb & Cavanagh, 2008) é menos pesado e não necessita de atenção visual, o que permite maior liberdade de movimentos ao aluno. Também favorece os alunos com dislexia e com dificuldades de literacia, (Rosell-Aguiar 2007).

Como o ato de ouvir é natural ao ser humano, o *Podcast* torna-se vantajoso, dado que ler requer uma aprendizagem anterior. Existem assim, algumas vantagens do áudio quando comparado com o texto escrito. Por exemplo, e segundo Durbridge (1984) a entoação facilita a compreensão. Para os alunos que gostam de ouvir, o áudio é muito vantajoso (Kaplan-Leiserson, 2005; Williams, 2005), por ser fácil parar, recuar e avançar, podendo ser importante para alunos com necessidades especiais ou com ritmos diferentes de aprendizagem, permitindo personalizar a forma como aprendem.

## **2.5. Duração**

Com base nos estudos de Cebeci & Tekdal (2006), Chan et al. (2006), Frydenberg,( 2006), Lee & Chan, (2007), Salmon et al.(2007) consideram-se três categorias de *Podcasts*: curto, moderado e longo. O *Podcast* curto varia entre 1 e 5 minutos; o moderado pode durar de 6 a 15 minutos e o *Podcast* longo tem uma duração superior a 15 minutos.

Chan et al. (2006) referem que se uma canção demora, geralmente, entre 3 e 5 minutos, para passar a sua mensagem, essa será a duração adequada para um *Podcast*. Embora os conceitos temporais sejam variáveis, são vários os autores que sugerem *Podcasts* de curta duração. Tomando como exemplo Cebeci e Tekdal (2006), os *Podcasts* não devem ultrapassar os 15 minutos, porque após esse tempo se regista uma diminuição de atenção na audição e na compreensão. Já Salmon et al. (2007) usavam *Podcasts* que normalmente não ultrapassavam os 10 minutos.

Para Walch e Lafferty (2006) é mais importante ouvir um *Podcast* de 10 minutos, carregado de informação, do que um mais longo em que só alguns minutos apresentam informação e o resto não interessa.

Para Júnior & Coutinho (2007) 30” (trinta segundos) seria o tempo médio ideal de um *Podcast* pois “o objectivo de cada episódio é conter uma história curta e direta sobre um conceito e ainda deixar pistas para a audição de novos episódios”. Ainda assim, esta duração poderá ser escassa para suscitar nos alunos o interesse desejado. Por sua vez, Carvalho et al. (2008), propuseram uma taxionomia composta por três categorias de *Podcast*: curto (entre 1 a cinco minutos), moderado (entre 6 e 15 minutos) e longo (com mais de 15 minutos). Assim sendo, e se os *Podcast* devem ser de curta duração, será preferível criar-se mais *Podcasts* e não incluir em apenas um o que pretende, tornando-o pouco interessante e atrativo.

*Podcasts* curtos são também vantajosos por ocuparem pouco espaço nos servidores que os alojam, permitindo uma mais fácil audição e utilização dos mesmos.

Música de fundo é possível utilizar-se, sendo que para isso o autor terá de ter em atenção que esta não distraia o aluno do objetivo pedagógico, devendo utilizar-se música instrumental adequada ao assunto narrado.

## **2.6. Autor**

Também na autoria se levam em conta três categorias, de acordo com Clothey e Schmidt (2008): os *Podcasts* que se encontram na Internet, os que são criados por professores para os alunos e os criados pelos próprios alunos.

A maioria dos *Podcasts* educacionais são criados por professores, contendo conteúdos não totalmente esclarecidos, sínteses de conceitos trabalhados, comentários a trabalhos feitos pelos alunos, tutoriais para utilização de software ou, simplesmente, instruções para uma tarefa a realizar.

Harris e Park (2008) encaram o *Podcast* como uma “oportunidade de o professor enfatizar informação considerada por si fundamental para os alunos”. Segundo Durbridge (1984), Richardson (2006), Salmon et al.(2007), Carvalho et al. (2008), basta a voz do professor para o *Podcast* ter um impacto positivo nos alunos, sendo que é necessário ter cuidado para não tornar o *Podcast* monocórdico e monótono.

Todos os alunos que apresentam dificuldades na escrita e uma maior facilidade na expressão oral poderão, de acordo com Kaplan-Leiserson (2005), tirar partido da apresentação de trabalhos em áudio, em vez de os apresentar por escrito, como tradicionalmente se faz.

Os *Podcasts* a usar em aula poderão, também, ser criados por outras pessoas exteriores às escolas, como sejam jornalistas, cientistas, escritores, políticos, já que estes são considerados materiais autênticos que podem ser explorados em contexto letivo.



## **2.7. Estilo**

Há dois estilos de *Podcast*: formal e informal. A sua classificação quanto ao estilo depende do tipo de relação que o professor mantém com o aluno e da sua maneira de ser. Também o tipo de *Podcast* contribui para a definição do estilo, já que, por exemplo, um *Podcast* do tipo expositivo será sempre mais formal do que um do tipo *feedback/comentário*.

## **2.8. Finalidade**

As finalidades do *Podcast* podem ser muitas, podendo variar entre o ato de informar; divulgar; motivar para um tema ou para uma qualquer atividade; levar os alunos a questionar-se sobre uma temática; apresentação de uma reflexão, etc. Usando o *Podcast*, o professor pode reforçar a sua autoridade ou simplesmente orientar a aprendizagem dos seus alunos. Estes podem também ser preciosos no economizar de tempo em sessões mais teóricas, podendo os alunos ouvir os *Podcasts* previamente, e usando os conhecimentos ouvidos, em aula, para a realização de debates, de alguma pesquisa, resolução de fichas de trabalho ou desenvolver alguma forma de trabalho colaborativo.

## 3. Boas Práticas

### 3.1 Podcasts e a Educação

Os estudantes de hoje co-habitam com a tecnologia, não podendo esta ser dissociada do seu crescimento como indivíduos. Assim sendo, os mesmos acabam por forçar a mudança nos professores da “geração de papel”, obrigando-os a equipararem-se pedagogicamente às suas vivências diárias. Sendo os alunos “nativos digitais” (Prensky,2001) os professores terão de ser, cada vez mais, emigrantes digitais, acompanhando os seus alunos no uso da tecnologia e no estar a par das constantes evoluções da mesma, no constante estar *online* acedendo informação e conectando-se ao mundo (Siemens, 2005). Segundo Carvalho (2009), os alunos “reconhecem a centralidade das redes de conhecimento nas suas vidas, estabelecendo conexões entre ideias e pessoas, contribuindo para as redes sociais”.

O rumo que a *Web* tomou levou ao “criar” o conceito e utilizador “*prosumidor*” (Alvin Toffler, 1980), ou seja, o utilizador, mais do que apenas aceder a informação, tornou-se, ele próprio produtor de conteúdos, sem necessidade de possuir grandes competências informáticas.

Assim sendo, o utilizador/produtor, como chama a si a autoria de conteúdos, controla, de certa forma, a sua elaboração, usufruindo, também, de “um maior poder de participação nas decisões de produção, que se traduz, conseqüentemente, numa melhor personalização e versatilidade dos materiais produzidos”. (Kerckove, 1995).

Com todas as mudanças sociais promovidas pela tecnologia levam a que também ao nível metodológico do processo de ensino/aprendizagem seja necessário levar a cabo alterações, de maneira a que os alunos sejam nele mais envolvidos e responsabilizados pela divulgação dos seus conhecimentos. Urge, para isso, “diversificar a utilização das novas tecnologias de informação e comunicação, que podem ser usadas nos diferentes contextos educativos, aproveitando o seu enorme potencial como instrumento de aprendizagem” (Moreira, 2001).

Usando a Internet, qualquer indivíduo tem a possibilidade de ampliar a sua visão do mundo, modificando e criando novas linguagens e formas de comunicar. Esta largou a função de mero suporte, alargando os limites do processo de ensino/aprendizagem, mobilizando competências e saberes, o que, por si só, traz novos desafios à carreira docente. É por isso que se podem encarar as tecnologias de produção e distribuição de conteúdos como “a principal tendência das práticas educacionais do futuro” (Prensky, 2001; Downes, 2009), pondo de parte os modelos de ensino tradicionais e possibilitando, por parte dos professores, o desenvolver de novas e efectivas estratégias que sejam capazes de conferir aos alunos uma “sabedoria digital” (Prensky, 2009), que lhes permita utilizar as TIC como um prolongar das suas capacidades cognitivas.

Nos nossos dias, muitos são os jovens que já usam o *Podcast* para proveito próprio, sendo que o professor poderá usar este conhecimento já adquirido como base para mostrar que é possível aprender, de uma forma mais lúdica e motivadora, através da tecnologia. Há que ter em conta que o *Podcast* se constitui como uma “*alternativa viável, prática, com custos quase nulos e também uma metodologia de ensino/aprendizagem bastante motivadora, que proporciona que o aluno tenha um papel activo na construção do saber, saindo do padrão de mero consumidor para ser também produtor de informação na web*” (Junior & Coutinho, 2007). Outro motivo que leva os jovens a encarar o *Podcast* de uma forma tão positiva é o facto de que “o aluno sabe que em qualquer parte do planeta as suas produções podem ser partilhadas com outras crianças/adulto.” (Faria et al, 2006).

Se os dispositivos móveis, como o telemóvel ou o *Mp3* detêm um papel importante nas vidas os nossos alunos, achamos pertinente que sejam olhados como potenciais ferramentas de aprendizagem, combinadas com novas abordagens pedagógicas e novas metodologias (Moreira & Paes, 2007), ajudando, ainda mais, ao sucesso do uso do *Podcast* em aula.

O uso de *Podcasts* no processo educativo permite alterar a forma de interação pedagógica entre aluno e professor, criando novas formas de comunicação entre eles, levando a um questionar das competências discursivas dos vários

intervenientes do discurso pedagógico. Para Marques, ( 2003) “*a variação social e cultural, a evolução das sociedades faz aparecer novas formas de comunicação*”, alterando as formas tradicionais de ensino.

Pese o seu enorme potencial, são-lhe, ainda assim, apontadas algumas limitações ou má utilização, que, segundo Evans, 2007, Robinson, 2007, Geyer, Beylefeld e Hugo, 2008 e Kennedy e outros, 2008, “na maioria dos casos essas situações resultam de um desfasamento entre a percepção dos alunos sobre o real valor desta e de outros tipos de tecnologias no processos de aprendizagem, a sua receptividade ou mesmo as preferências, que variam muito de área para área”.

O uso de *Podcasts* pressupõe que os alunos sejam capazes de desenvolver competências de trabalho autónomo, bem como competências para utilização de um vasto conjunto de tecnologias e/ou ferramentas que lhes estão associadas.

O *Podcast* permite uma aprendizagem a qualquer hora e em qualquer lugar, rompendo com os espaços tradicionais de aprendizagem (antes limitados à sala de aula), devido à sua flexibilidade e uso, quer pelo aluno, quer pelo professor ou outro interessado. Indo um pouco mais além, talvez se possa dizer que estão também em causa as comuns barreiras hierárquicas do saber, entre professor e aluno.

Mesmo os professores menos familiarizados com estas ferramentas, facilmente encontram excelentes fontes de informação que os possam orientar no uso das mesmas. Incluí-lo em aula “*exige estratégias que enquadrem esta tecnologia dentro e fora da sala de aula, quer em modelos de ensino a distância ou extensão da aula presencial*” (Coutinho & Júnior, 2007). Segundo Deal (2007) “*o impacto educativo do Podcast, tal como outra tecnologia educacional, depende do contexto educativo, dos objectivos a alcançar e de como a ferramenta é implementada*”.

Através deste, aliam-se informação, entretenimento, dinamismo e rapidez ao acto de ensino/aprendizagem. Ainda assim, a criação de um Podcast pode exigir do professor alguma dedicação, pois o idealizar das atividades exige capacidade de trabalho e imaginação, por forma a poder apresentar conteúdos para lá da “maneira tradicional”. Ainda assim, este é um esforço compensatório, pois os alunos mostrarão maior interesse perante o que lhes é proposto, dado que, desta forma, o professor

aproxima a sua linguagem à dos alunos, captando a sua atenção. Com este tipo de atividade, o professor acaba por desenvolver nos alunos competências, como: mobilização de saberes tecnológicos para compreender a realidade e para abordar situações e problemas do quotidiano; uso adequado de linguagens tecnológicas para se expressar; adopção de metodologias personalizadas de trabalho e de aprendizagem adequadas aos objectivos visados; pesquisa, selecção e organização da informação para transformar em conhecimento mobilizável; cooperação com outros em tarefas e projetos comuns; realização de atividades de forma autónoma, responsável e criativa, por entre outras nomeadas por Abrantes (2001) no Currículo Nacional do Ensino Básico, Competências Essenciais (Currículo Oficial).

Ao nível educacional, o *Podcast* é essencialmente usado para difundir aulas ou revisão de conteúdos. Entre os vários usos possíveis em aula, destacam-se o uso como forma de motivação para a abordagem de conteúdos ou para a leitura; na modalidade de transmissão dos próprios conteúdos didáticos; apresentação de narrações e leituras modelares; ou como ferramenta de avaliação/correção dos aspetos articulatórios e prosódicos da oralidade no estudo das línguas (materna ou estrangeiras). Pode também ser uma óptima forma de colocar o aluno na posição de produtor, construindo e publicando ele os seus episódios de *Podcast*.

O *Podcast* em aulas mais expositivas poderá ser ainda benéfico quando o professor tem um discurso demasiado rápido ou os conteúdos são demasiado complexos, exigindo estudo posterior.

Para aqueles alunos com maiores dificuldades, o *Podcast* permite “a possibilidade de os ouvir as vezes que necessitarem”(Moura & Carvalho, 2006).

Também a gravação das aulas para posterior revisão poderá ser uma estratégia de estudo, já que hoje o telemóvel ou leitor *mp3/mp4* fazem o que antes fazia o gravador de áudio. A maioria dos alunos vêem os *Podcasts* como uma ferramenta para revisão, mais do que substituição das aulas (Malan, 2007).

O uso do *Podcast* no processo educativo pode ganhar ainda mais relevo ao ser aplicado por instituições de ensino, nomeadamente universidades, que querem internacionalizar os seus cursos, respondendo, desta forma ao fenómeno da

globalização e a um mercado de trabalho que se alarga a cada dia, facilitando a mobilidade dos alunos.

Para além dos *Podcasts* que, maioritariamente se encontram em *blogues* criados para o efeito, é cada vez mais comum encontrar e poder descarregar *Podcasts* a partir de ambientes virtuais de ensino/aprendizagem, onde se disponibilizam recursos para os alunos e se faz a gestão dos mesmos, bem como dos próprios alunos. De acordo com Santos (2002), citado por Junior & Coutinho (2007), os ambientes virtuais de aprendizagem são “espaços fecundos de significação onde seres humanos e objectos técnicos interagem, potencializando, assim, a construção de conhecimentos, logo, a aprendizagem”. Isto significa que, sendo ambientes integradores de recursos pedagógicos, estes podem contribuir eficazmente para o processo de ensino/aprendizagem. O que torna estes ambientes atrativos é o facto de serem de fácil instalação, configuração e manuseamento, fazendo com que os professores se sintam mais à vontade para explorar e desenvolver conteúdos.

O contexto educacional, através dos professores, começa a encarar o uso e *podcasts* como uma oportunidade única para transmissão de conteúdos, ganhando tempo real para um acompanhamento mais individualizado dos alunos. É, pois, visto como tecnologia auxiliar do ensino tanto presencial (Moura & Carvalho, 2006a) como a distância (Moura & Carvalho, 2006b), pelo permitir da partilha de aulas ou outros materiais didáticos em áudio, disponíveis a qualquer hora e em qualquer lugar. Poder-se-á considerar que estamos perante o crescimento e um novo tipo de estudo, “o estudo móvel”.

Defende-se, então, o uso do *Podcast* em aula, como forma de auxiliar os alunos a adquirir novos conteúdos e a desenvolver competências, ao mesmo tempo que partilham conhecimento na Internet, tornando-se, simultaneamente, consumidores e autores de informação *online*. O *Podcast* “renova” as práticas em aula, aproximando esta mesma das mudanças constantes que acontecem na sociedade, levando, por conseguinte, “a uma redefinição do papel do professor, da sua formação e do seu desenvolvimento profissional” (Marcelo, 2002).

O uso do *Podcast* em aula não é, de todo, uma metodologia que poderá subsistir por si só, não retirando importância ao papel do professor, que, usando das suas capacidades de discernimento e espírito crítico a utilizará da forma que achar mais pertinente. Só o ocupar de uma posição de relevo no processo de ensino/aprendizagem poderá permitir ao *Podcast* ser um meio válido para o reforço da aprendizagem e conteúdos e, por conseguinte, a melhoria dos resultados dos alunos, por motivar quer professores, quer alunos.

Usar o *Podcast* deve ser encarado como uma boa opção para melhorar processos educativos, por ser atrativo e emotivo, mas também pelo pragmatismo do ultrapassar das dificuldades de nível espaço-temporal.

Enaltecem Ramos *et al* (2003), que a tecnologia permite proporcionar publicações de alta qualidade criadas por alunos, acessíveis a qualquer um que possua um sistema ligado à Internet, numa lógica de trabalho colaborativo e de partilha de saberes em que as TIC contribuem “para o enriquecimento progressivo dos ambientes e contextos de aprendizagem, permitindo, não só que a Escola seja o espaço da construção individual e social, mas que cada um possa aprender para si e para os outros” (Ramos *et al*, 2003, online).

Esta nova conceção de aprendizagem pode ter um impacto profundo na educação, por promoverem a criatividade, a colaboração e a comunicação, ao mesmo tempo que se podem conjugar com métodos de aprendizagem nos quais estas competências desempenham um papel importante (Solomon & Schrum, 2007).

No futuro da educação, o professor deverá consciencializar-se que as Tecnologias da informação e da Comunicação (TIC) são, segundo Moura (2008), “um serviço basilar, na mesma linha em que o são a electricidade ou a água”, pois o conseguir aceder a informação em qualquer lugar e em qualquer altura tornou-se, hoje, uma condição essencial dos nossos dias.

### **3.2 Podcasts em Portugal**

Lido com atenção, percebe-se que no Currículo Nacional do Ensino Básico, se deve potenciar a competência de comunicação, principalmente, “ouvir/ver textos orais e audiovisuais de natureza diversificada” e “ler, escrever, ouvir e falar em situações de comunicação diversificadas” (Abrantes, 2001), adequados ao aluno. Assim sendo, o *Podcast* pode ser um excelente auxiliar do professor, para o concretizar destes objectivos.

Muitas são já as entidades que usam esta ferramenta para a promoção de cursos intensivos de línguas, onde é possível escutar falantes nativos, falando de forma natural e real, em contraponto com os manuais tradicionais, onde os poucos áudios existentes são de natureza artificial, embora se note que em Portugal, o uso do *Podcast* é, ainda, correspondente à dimensão do país.

Conseguem identificar-se dois tipos de *Podcast*: os “independentes” (os primeiros a surgir) e os “institucionais” (Faria et al, 2006). Os primeiros *Podcasts* “independentes” surgiram por volta do ano de 2005, sendo resultado do experimentar desta tecnologia, tendo estes projetos durado apenas alguns episódios. Um pouco mais tarde surgiram os *Podcasts* “institucionais”, ligados a algumas empresas de média, como a TSF e a RDP. Verificou-se que este tipo de empresas foram as maiores impulsionadoras da criação e uso de *Podcasts*, aproveitando o seu “*know-how*” na produção e promoção dos seus conteúdos.

Ao nível dos conteúdos, e ao contrário de outros países, não se verificou uma grande dispersão, já que a temática da maioria dos *Podcasts* independentes girava à volta da música, tecnologia ou o formato tradicional do *audioblogue*. Raros foram os *Podcasts* versando assuntos específicos por não haver, ainda, público-alvo suficiente para absorver este tipo de conteúdos.

Esta pouca variedade de temáticas é de fácil constatação nos directórios portugueses de *podcasting*, que se constituíram como os maiores impulsionadores



do uso do *Podcast* em Portugal, por agruparem tudo o que era feito em língua portuguesa.

Ao mesmo tempo que os *Podcasts* independentes, estes diretórios perderam, igualmente, fulgor, contagiando a produção nacional.

Atualmente, o projeto/site online que parece agregar mais adeptos do *Podcast*

comunidade podcast portugal  
www.ptpodcast.org | fórum português sobre podcasting e podcasts

Home Register FAQ Search Active Topics Log In

Comunidade Podcast Portugal » Forum Index

» Ouvindo Podcasts

Forum	Topics	Posts	Latest Post
<b>Notícias</b> Aqui pode discutir todos os tópicos que não estejam relacionados com as outras categorias. Pode sugerir novas funcionalidades e fazer até pedidos especiais...	73	196	omega seamaster watc... By: <a href="#">Mianon</a> On: Tue Jul 12, 2011 10:39 am
<b>Off The Record</b> Espaço para a conversa do dia-a-dia, que não tem de ser especialmente interessante.	55	173	Great distance, forq... By: <a href="#">jacob</a> On: Wed Jul 13, 2011 2:52 am
<b>Novos Podcasts</b> Tem um podcast? Quer dar a conhecê-lo? Anuncie-o aqui e peça a opinião da comunidade.	72	113	Very nice and adjust... By: <a href="#">jacob</a> On: Tue Jul 12, 2011 8:16 am

» Produção de Podcasts

Forum	Topics	Posts	Latest Post
<b>Dicas e Ajudas</b> Tem alguma dica para melhorar o som de um podcast? Alguma dúvida técnica que não consegue resolver? Pergunte aqui e alguém há-de ajudar.	11	14	Best Selling KATANA... By: <a href="#">jacob</a> On: Wed Jul 13, 2011 2:25 am
<b>Hardware</b> Tem dúvidas, sugestões ou quer apenas anunciar como fez o seu podcast? Neste fórum pode falar de tudo o que diz respeito ao equipamento que utiliza.	9	18	For sale Ed Hardy Sh... By: <a href="#">kicashi</a> On: Tue Jul 12, 2011 9:06 am

Fig.1 – Comunidade *Podcast* Portugal

em Portugal é o *Ptpodcast.org* (c), com mais de 2300 membros, e onde os interessados podem fazer publicidade aos seus *blogues* e *Podcasts*; ouvir notícias relacionadas com os *Podcasts*; trocar opiniões nos fóruns; discutir acerca de software e hardware indispensáveis ao *Podcasting*.

Se os *podcasts* independentes têm mais dificuldades em sobreviver, principalmente por falta de publicidade, os projectos ligados aos grandes grupos de média têm, à partida, mais força para subsistir no mundo competitivo do *Podcasting* nacional. Este tipo de *Podcasts* mais formais são cada vez mais fáceis de encontrar *online*.

No que toca ao *Podcast* em contexto educativo, os professores, seguindo as novas tendências tecnológicas, foram dos primeiros a produzir conteúdos para uso em sala de aula. Alguns decidiram mesmo usar o *Podcast* como ferramenta educativa originando os primeiros *Podcast* em língua portuguesa. Mas, e por motivos vários, como seja o esgotamento do modelo escolhido e da capacidade de alojamento, até à limitação do tempo com os alunos, muitos projectos foram deixando de produzir novos episódios, sendo que outros vão sendo iniciados, algumas vezes como resposta a reptos, como o lançado pelo Ministério da Educação, em 2010, com o projeto Concurso "Conta-nos uma história" *Podcast* na Educação. Estes projetos, acabam por trazer às escolas portuguesas novas práticas muito mais coadunadas com a sociedade e o tipo de alunos que atualmente servem de matéria de trabalho aos professores, trabalhando os conteúdos na sala de aula e permitindo que esses mesmos conteúdos fiquem disponíveis em qualquer lugar e qualquer hora. Torna-se, assim, possível aos alunos escolher onde e quando querem aprender e consolidar os seus conhecimentos.

O facto de os *Podcasts* serem maioritariamente gratuitos ou, pelo menos, mais baratos que os tradicionais cursos de línguas, e porque permitem ser ouvidos em qualquer lugar e a qualquer hora, faz com que estes ganhem cada vez mais adeptos interessados em aprender uma língua estrangeira. Além do mais, alguns *Podcasts* colocam ao dispor do ouvinte textos de apoio, permitindo, também, o contacto com quem os produz, tirando dúvidas ou colocando questões. É através deste tipo de ferramentas que os alunos se apercebem "da facilidade de publicar e de interagir na *Web* através das ferramentas disponibilizadas na *Web 2.0*" (Carvalho, 2007). Dois dos mais conhecidos *Podcasters* portugueses ligados à educação, e vistos como pioneiros na área são Moura & Carvalho (2006), por terem envolvido os seus alunos em vários projetos, como um projeto de troca de informação *E-Twinning*, chamado "*Correspondance Scolaire*" (Moura, 2007), realizado entre uma escola portuguesa e uma escola belga. Apesar de, neste caso, ter sido usado na língua francesa, os mesmos autores aplicaram o *Podcast* em aulas de Literatura Portuguesa, como forma de ajudar alunos com dificuldades de aprendizagem, sobretudo aqueles

frequentadores de cursos nocturnos e outros alunos que não conseguiam acompanhar as aulas presencialmente, tornando-se um caminho para promover o sucesso educativo. Os autores provaram que, para além de motivar os alunos, se conseguem esbater alguns problemas relativamente ao número de computadores por aluno, não havendo necessidade de a turma estar *online* em simultâneo, pois enquanto um aluno realizava a tarefa individual de escrever e dar a opinião, outro aluno revia os conteúdos usando o *Podcast*. Realce-se, ainda, o número elevado de acessos e *downloads* dos episódios disponibilizados, demonstrando que o *Podcast* ultrapassou largamente os limites da sala de aula para que foi inicialmente concebido.

Apesar da grande resistência que os professores ainda colocam ao uso das TIC em aula, muitos estão já a tomar consciência da mudança social que os rodeia e que a escola deverá acompanhar essa mudança, moldando cidadãos do futuro, capazes de responder aos novos e constantes desafios que lhes são colocados.

Em Portugal o fenómeno do *Podcasting* conta, atualmente, com muitos seguidores. Estudos de 2006 assinalavam já que, e muito embora fosse difícil contabilizar com exactidão o número de *Podcasts* existentes no país, o grande *boom* de produção e divulgação deste formato tivesse acontecido entre Novembro de 2005 e Janeiro de 2006 (Bonixe, 2006). O aumento de *Podcasters* portugueses deveu-se, em grande parte, à força da divulgação feita pelos média, pioneiros na matéria. No campo educacional, e tal como aconteceu em outros países, foi o ensino superior o precursor do uso do *Podcast*, sendo a Universidade de Coimbra a única instituição portuguesa com *Podcasts* aprovados e publicados no *iTunes*.

Começam a surgir *Podcasts* relacionados, sobretudo, com trabalhos de investigação ou no âmbito de disciplinas específicas, destacando-se os cursos de comunicação social e de novas tecnologias.

### **3.3. Podcasts no Inglês**

A Europa alarga-se cada vez mais, alargando, também, a sua diversidade étnica, cultural e linguística, tornando, cada vez mais importante, que os jovens sejam capazes de mobilizar competências que lhes permitam comunicar e interagir entre si.

Para que isto aconteça, torna-se fundamental a aprendizagem de uma língua estrangeira, neste caso o Inglês, pela importância que adquiriu como língua de comunicação entre povos pelo mundo fora, necessitando, para isso, de estratégias inovadoras que motivem os alunos para a sua aprendizagem.

É imperiosa a percepção que o uso das novas tecnologias na educação permitirá desenvolver, no aluno, a sua capacidade de comunicação, de trabalho em grupo e de uso das TIC, levando-os a perceber que estas aprendizagens são significativas para a sua vida. Com a sociedade a ser cada vez mais dependente da Tecnologia, novas respostas devem ser encontradas para o ensino, em geral, e das línguas, em particular.

O conceito de literacia evoluiu, hoje, do ato de ler, para literacia de consumidor, literacia visual ou de informação, onde o cidadão deverá saber mobilizar competências que o tornem capaz de adquirir e interpretar informação em diferentes suportes e de a utilizar sempre que necessário.

O aprender de uma nova língua, para lá da nossa língua materna, é uma forma de fazer parte de uma sociedade cada vez mais global. Desde há muito que se integraram as tecnologias no ensino das línguas, mas torna-se cada vez mais premente modernizar e valorizar práticas docentes que incluam as novas tecnologias, as quais devem promover as aprendizagens dos alunos, bem como favorecer o seu aproveitamento escolar. É nesta perspetiva que se devem encarar as TIC como fundamentais para o processo de ensino/aprendizagem dos nossos dias, e como condição necessária para uma escola de futuro que garanta o sucesso educativo às novas gerações.

Dado que o telemóvel ou um simples leitor de *Mp3* são, hoje em dia, parte do quotidiano dos alunos, pensamos que será fácil rentabilizar estas tecnologias numa sala de aula, colocando-as ao serviço do ensino das línguas e, desta forma, mostrar aos alunos que é possível aprender os mesmos conteúdos de uma forma mais motivadora. Através do *Podcast* e do telemóvel, queremos dar a perceber como é possível continuar a aprendizagem de uma língua para lá dos “muros “ da sala de aula, para além do regime presencial.

A internet permitiu que os alunos comunicassem de forma síncrona e assíncrona com outros falantes. É-lhes agora possível dar um contributo pessoal ao mundo através de trabalhos publicados na *Web*. Através das novas tecnologias, o aluno pode obter um ambiente em que aprende a dominar as várias ferramentas digitais como forma contínua de aprendizagem e utilização da língua alvo (Buzato, 2001). Aos alunos são proporcionados diferentes de interação, facilitando o seu acesso a comunidades diversas e criando a possibilidade de gerar igualmente novas comunidades (Kern & Warschauer, 2000). O aluno fica, deste modo muito mais próximo da realidade, levando a que desenvolvesse competências essenciais para a concretização de actividades como a escrita, a leitura e a audição (Buzato, 2001). Desta forma, os conteúdos adquirem um papel primordial em relação à forma e às estratégias de aprendizagem que passam para segundo plano.

Segundo vários estudos efectuados, o uso de tecnologia torna possível uma grande contextualização de exemplos de uso da língua, ao mesmo tempo que favorece a autenticidade ao integrar diversos tipos de recursos, levando os alunos a articular e desenvolver várias competências para o realizar das actividades, como a escrita, a leitura, a audição ou a oralidade. Neste sentido relata Warschauer M. (1996), que “(...) *multimedia resources are all linked together and that learners can navigate their own path simply by pointing and clicking a mouse. Hypermedia provides a number of advantages for language learning. First of all, a more authentic learning environment is created, since listening is combined with seeing, just like in the real world. Secondly, skills are easily integrated, since the variety of media make it natural to combine reading, writing, speaking and listening in a single activity. Third,*

*students have great control over their learning, since they can not only go at their own pace but even on their own individual path, going forward and backwards to different parts of the program, honing in on particular aspects and skipping other aspects altogether. Finally, a major advantage of hypermedia is that it facilitates a principle focus on the content, without sacrificing a secondary focus on language form or learning strategies”.*

Ao ensinar uma língua estrangeira, pretende desenvolver-se no aluno competências que lhe permitam usar essa língua de forma competente em diferentes contextos, dando resposta às exigências do mundo global em que vivemos, onde as pessoas são cada vez mais móveis, num espaço onde a Língua Inglesa assumiu o papel de língua para a comunicação universal, e onde é cada vez mais fundamental o desenvolver e o mobilizar de saberes e competências essenciais transversais.

Como é possível observar-se no Portal da Educação (Ministério da Educação), *“a aprendizagem de línguas estrangeiras é um pré-requisito essencial para o acesso ao conhecimento e um factor favorável à mobilidade pessoal e profissional. A par do domínio da língua materna, a capacidade de comunicar em outras línguas é, no mundo interdependente em que vivemos, uma mais-valia para o exercício da cidadania de ativa e participada, pois que tal não se confina, hoje, às fronteiras nacionais. Além disso, o domínio de competências de comunicação em várias línguas potencia o alargamento das nossas mundividências, pois permite o acesso a outras culturas, outros valores, modos de viver e pensar.”*

Os telemóveis ou os dispositivos de *mp3/mp4*, perfeitamente visíveis no ambiente escolar, gozam do dom da ubiquidade, ou seja, encontram-se por toda a parte, permitindo uma aprendizagem mais descontraída e diferente. É no seguimento desta linha que pensamos ser o uso do *Podcast* muito pertinente, em qualquer área do saber, mas, com grande relevância, no ensino das línguas. Este pode ser veículo de informação rica que permita expandir o currículo, quando usado como mero complemento de informação acerca de um determinado assunto, ou quando surge como forma de estender o ensino para lá da sala de aula.

São diversos os sites disponíveis na *Web* que usam o *Podcast* no ensino de Línguas, sendo também diversos os cenários de utilização dos mesmos, servindo de complemento à aula tradicional, a cursos independentes em estrutura modular, ou *Podcasts* mais ligados para o treino da pronúncia e articulação ou para situações de comunicação, com actualizações, durações e objectivos variáveis. Comum a todos eles é a motivação como fator essencial ao ensino das Línguas.

Mesmo havendo quem sustente que “[*listening to audio is*] *not learning...[because it] is not synonymous with comprehension and action*” (Walsh,2004, citado por Lee &Chan), os *Podcasts* trazem várias vantagens para a aprendizagem de uma língua. Entre elas, destaca-se a fácil reprodução de conteúdos e a possibilidade de “*to home in on conversations and sounds ignoring other background noise. Our brains are acoustic analysers able to distinguish, select and interpret an amazing variety of sounds*” (Walsh, 2004, citado por Lee &Chan). A estes argumentos pode ainda juntar-se que “[*a*]s compared with a written text, the spoken word can influence both cognition (adding clarity and meaning) and motivation (by conveying directly a sense of the person creating those words)”. (Nicola Durbridge, 1984, citada por Lee &Chan).

Quando aplicado ao ensino de uma língua estrangeira, neste caso o Inglês, o *Podcast* poderá ser bastante enriquecedor por permitir o desenvolvimento do vocabulário do aluno, enquanto este realiza pesquisas para projectos a desenvolver e por desenvolver a oralidade dos mesmos que, desta forma, se tornam mais fluentes e confiantes no uso da língua, devido às repetições necessárias ao gravar de cada episódio. Para Moura & Carvalho, “*a utilização do Podcast na aprendizagem de línguas estrangeiras é um instrumento com grandes potencialidades, tanto pedagógicas, como motivacionais, já que é uma tecnologia que anda no bolso da maioria dos nossos alunos*”.

Como o *Podcast*, neste caso a sua criação, é um ato de fala, e falar é um processo que tem em conta regras sociais, sendo que é através da fala que nos sociabilizamos e como o ato e ensino/aprendizagem tem por base a oralidade, cabe ao professor desencadear, através de estratégias variadas, a tomada de consciência

pelos alunos de modos de agir pela fala, adequados às situações de comunicação (Ramos, 2005). A ele compete a definição de estratégias adequadas que desenvolvam no aluno o aspecto linguístico, que os tornem oralmente fluentes usando vocabulário adequado e diversificado em cada situação.

Para Hendron, *“the best Podcasts address their audience and get to the point quickly”*. Desta forma, considera-se a procura de que um *Podcast* é alvo como vital para o seu sucesso e do projecto em que se envolve. Se um *Podcast* não tiver um público-alvo e objetivos bem definidos, o mais provável é não subsistir, como refere Bard Williams, *“getting the word out isn’t difficult, but if you do it the wrong way; you’ll get lost in the digital forest”*.

O uso do *Podcast* no ensino da Língua Inglesa é uma forma de os alunos poderem contactar com outros idiomas em contextos escolar, mas, e segundo Cebeci e Tekdal (2006), a principal vantagem dos *Podcasts* na educação é a sua portabilidade e a conveniência de se poder ouvir os recursos educativos a qualquer hora e em qualquer lugar. Desta forma alargam os contextos de estudo dos alunos, possibilitando-o em diferentes locais, dentro ou fora da escola. Para Cain (2007) os *Podcasts* mudaram a paisagem do ensino proporcionando muitas mais oportunidades de imersão dos alunos na LE.

O poderem ouvir quando desejarem e as vezes que precisarem, permite aos alunos melhorar a compreensão da Língua, ao mesmo tempo que, se forem eles a criar os seus próprios *Podcasts*, melhoram a sua fluência. Sendo assim, através do *Podcast*, o aluno pode praticar a oralidade e a audição da pronúncia correcta, o que, na opinião de Manning (2005) é fundamental, pois os *Podcasts* *“podem acrescentar um elemento de humanização à aprendizagem online graças à utilização da voz”*. Pela dicção, *stress* e inflexão, percebe-se melhor o entusiasmo ou paixão do interlocutor. A voz, por si só, dá um toque mais humanizante e pessoal à aprendizagem, levando a um maior envolvimento do aluno e a um menor sentimento de isolamento no estudo.

Ao aluno é permitida a produção de materiais que demonstrem o que são capazes, valorizando mais as suas aprendizagens, pois tudo o que produziram



revelou-se útil para a sua aprendizagem individual e para a aprendizagem colectiva de todos quantos participaram num mesmo projecto.

Mas, para que as TIC, e neste caso os *Podcasts* e os *blogues*, possam ser profícuos em contexto educativo, Jobbings (2005) defende três princípios essenciais: haver o compromisso de explorar todo o potencial das TIC para benefício das crianças e jovens; haver bons materiais e em quantidade suficiente disponíveis nas escolas e haver, também, a vontade de desenvolver estratégias diferentes de ensino e aprendizagem.

### **3.4. A utilização pedagógica do Blogue com os Podcasts**

A relação *Blog/Podcast* permite a realização das actividades ao ritmo de cada aluno, o que se torna muito vantajoso em turmas heterogéneas em termos de competências e onde os recursos disponíveis assim o exijam. Não se torna tão necessário diferenciar o tipo de atividade, mas sim o tempo que é concedido para a realização da mesma (Dervin, 2006), respeitando os diferentes ritmos de aprendizagem, com objectividade, clareza e adequação aos propósitos curriculares.

Também a maior autonomia conferida aos alunos no realizar destas tarefas contribui para o sucesso dos *Blogues/Podcasts* entre os alunos, principalmente aqueles com mais dificuldades.

O seu uso estimula o interesse e sentido de responsabilidade dos alunos perante o seu processo de aprendizagem, já que os mesmos consideram que as aulas se tornam mais interessantes e interactivas.

Como a criação e consequente publicação para a comunidade de conteúdos se revelam fáceis, cresce nos alunos um sentimento de orgulho e confiança no seu trabalho, permitindo, ao mesmo tempo, que estes tomem consciência da sua evolução linguística.

Ao serem autores dos seus próprios *Podcasts*, os alunos desenvolvem entre si um espírito competitivo saudável, melhorando a quantidade e qualidade dos seus trabalhos.

A Língua Inglesa é, desta forma, usada de forma autêntica, levando a que os alunos comuniquem sem medo de errar, o que possibilita o desenvolver das suas competências comunicativas (Segal, 2004).

Os moldes em que esta tipologia de aula assenta, coloca o papel principal no aluno, dado que são estes os construtores do seu conhecimento ao procurarem as soluções para os problemas que lhes são impostos.

O uso de *Blogues/Podcasts*, é também uma forma de desenvolver o trabalho e a aprendizagem colaborativos (Huffacker, 2005), desencadeando um ambiente colaborativo (Altoé, 2006), que leva os alunos a tomarem parte ativa numa comunidade de prática e aprendizagem da Língua Inglesa, conforme vão colaborando na realização das atividades, principalmente no redigir de comentários e preparação da gravação dos *Podcasts*.

Possibilitando uma avaliação por parte dos colegas e uma aprendizagem para lá da sala de aula, o *Blogue* e o *Podcast* ajudam a atingir os objetivos educativos do futuro: colaboração, inclusão, flexibilidade e aumento da importância dada aos alunos.

Aulas baseadas em atividades em *Blogue*, usando o *Podcast*, permite aos alunos melhorar a sua fluência (Cain, 2007) e desempenho na língua (Dervin, 2006), quer ao nível escrito como oral, começando, ao longo do tempo a comunicar sem medo de cometer erros e a desenvolver as suas competências comunicativas (Segal, 2004). Regista-se, ainda, uma significativa melhoria qualitativa e quantitativa dos comentários escritos pelos alunos (Macintosh, 2006).

Alunos que tenham de faltar às aulas por alguma questão, como doença, podem, desta forma, usufruir dos mesmos conteúdos e atividades que os seus colegas, ao mesmo tempo que lhes confere uma maior motivação por se sentirem mais próximos da restante turma e da escola (Gomes, 2005).

Como advogam Faria et al. (2007) “o sucesso que os *Podcasts* (aliados a *blogues*) tiveram junto dos alunos advém do facto de aquilo que produziram poder ser acedido por outros indivíduos, começando pelos próprios colegas da turma e pela comunidade em que estão inseridos.”

### **3.5. O ambiente virtual de aprendizagem**

Um ambiente virtual de aprendizagem, normalmente assente numa plataforma de aprendizagem, vulgarmente conhecida como LMS (Learning Management System), deverá proporcionar ambientes educativos que, segundo Jonassen (1997), devem ser activos, manipulativos, construtivos, colaborativos, congregacionais, reflexivos, contextualizados, complexos e intencionais, bem como, e de acordo com Doolittle (1999), serem ambientes reais, desenvolvidos ao longo dos projectos, levando em conta os comentários e pedidos dos alunos, incluindo os conteúdos adaptados a estes e os seus interesses, inserindo-se no âmbito de conhecimentos destes.

Mais, devem possibilitar a avaliação formativa dos alunos, os quais deverão ter consciência que controlam as suas aprendizagens e que o professor é apenas um guia e facilitador do processo (Fostnot, 1996).

Os ambientes virtuais devem proporcionar situações de comunicação real baseadas nos interesses e conhecimentos da língua prévios dos alunos.

Durante todo o processo, o aluno deverá ter um papel ativo que lhe possibilite uma aprendizagem participativa.

A avaliação dos trabalhos realizados deverá de ser de carácter formativo, onde os alunos comandem as suas aprendizagens, através do acesso ao *Blog* para trabalhar, ver correções aos seus comentários, ao produzir e fazer *download* de *Podcasts* para audição posterior e ao trabalharem colaborativamente com os colegas. Através das correções online, o professor controla o ritmo de aprendizagem dos alunos.

Todos os *Podcasts* a criar deverão ter a preocupação de ativar as competências linguísticas e a criatividade dos alunos na língua inglesa (Segal, 2004). As sequências de actividades deverão preparar para, desenvolver, estruturar, simular e ser efectivamente actos de comunicação (Neuner, 1991).

Os conteúdos deverão ser cuidadosamente selecionados, sequenciados e funcionalmente organizados, de tal forma que a sua relação com o processo educativo seja o mais funcional possível (Zabalza, 1992).

Importante também, é que todo o processo educativo seja claro para os alunos, que todas as instruções e objectivos sejam de fácil constatação, para que estes tenham a possibilidade de desenvolverem as suas competências, devido à avaliação formativa (Pereira, 2007).

Estes ambientes de aprendizagem conferem ao aluno a oportunidade de usar instrumentos de aprendizagem que, à partida, se constituem um verdadeiro desafio para eles, o que acaba por ser uma promoção ao direito à educação e um acentuar do dever de aprender ao longo da vida (Correia & Tomé, 2007). Os alunos são envolvidos em atividades ricas e significativas que os levam a aplicar os conceitos que estão a aprender (Thanasoulas, n. d.), o que possibilita um ênfase numa aprendizagem realizada *na e pela* acção (Örnberg, 2003).

Um bom ambiente virtual de aprendizagem deverá ser útil, de fácil utilização, com conteúdos e atividades claros, capaz de promover o trabalho autónomo e respeitando os diferentes ritmos de aprendizagem dos alunos.

Muitas das actividades projetadas (onde se inclui aquela por nós idealizada) podem ser inseridas num modelo de ensino de certa forma “híbrido”, o qual se costuma denominar de *Blended learning*, ou *B-learning*. Aqui, o regime *e-Learning* é complementado com sessões presenciais, um modelo cada vez mais em voga, que tenta maximizar as vantagens de cada um dos modelos de formação (Pimenta, 2003).

A estes conceitos de aprendizagem interliga-se o conceito de *M-learning*, no qual a aprendizagem acontece através de uma tecnologia portátil, logo não se remetendo a um determinado espaço e podendo efectuar-se em qualquer lado e qualquer hora.

Levando em conta estes desígnios, aliou-se o *Podcast* à modalidade de *M-learning*, como forma de complementar as aprendizagens em Língua Inglesa, olhando à importância que esta adquiriu nos dias de hoje, tal qual as TIC, podendo

mesmo dizer-se que, atualmente, estas duas competências são inseparáveis para o sucesso futuro dos nossos jovens.

### **3.6. Vantagens dos Podcasts**

Quando, em 1916, John Dewey alertava os professores para o facto de que, “If we teach today as we taught yesterday, we rob our children of tomorrow”, não imaginava, porventura, que o que afirmava então continuaria actual (quase) um século depois.

O *Podcast* é, comumente considerado como uma ferramenta eficaz, rápida e capaz de proporcionar maior mobilidade na aprendizagem. Os estudos revelaram, também, que os *Podcasts* ajudam a rentabilizar as aulas, não substituindo o professor, mas sendo um complemento da aula que o aluno tem à sua disposição para aprender ou rever a matéria sempre que queira, dado os alunos andam sempre com estes dispositivos, tornando-os “*uma extensão tecnológica dos jovens de hoje*”. Os alunos até se podem esquecer do material escolar, mas nunca se esquecem do telemóvel.

Ao usarmos o *Podcast* aliado ao *M-learning* vamos ao encontro de duas características da aprendizagem através de dispositivos móveis: mobilidade e flexibilidade (Prensky, 2001). Para este tipo de atividades, os alunos usam os seus próprios dispositivos não precisando de comprar outros, o que se torna uma vantagem económica para as instituições educativas implementarem contextos de aprendizagem móvel no futuro, como sugerido por Dye et al., (2003): “*The user will not buy a new device for m-Learning, but might use an existing device for something new, such as education*”.

Escolhemos o *Podcast* como tecnologia de futuro em aula, pois, como vários autores já enalteceram, são muitas as vantagens a si associadas em contexto

educativo. Começando por Coutinho e Bottentuit Junior (2007), estes referem que o *Podcast* induz um maior interesse na aprendizagem porque possibilita uma estratégia de ensino e aprendizagem diferente na sala de aula; adapta-se a diferentes ritmos de aprendizagem dos alunos; possibilita a aprendizagem dentro e fora da sala de aula; leva a que interacção entre o acto de falar e o de ouvir permita uma aprendizagem mais significativa do que o simples acto de ler; trabalhos em *Podcast* realizados em grupo, possibilitam uma aprendizagem colaborativa, trazendo vantagens sobre a individualizada, como demonstram alguns estudos já realizados no nosso país; ao gravarem episódios, os alunos preocupam-se mais com a preparação dos textos para serem ouvidos pelo professor, pelos colegas ou por outros utilizadores da Internet *Web*. Outras das suas potencialidades são o *RSS* e a facilidade de criação e gravação de episódios directamente na Internet. Através da subscrição do serviço *RSS*, o utilizador recebe uma notificação via correio electrónico caso surjam alterações no *Podcast*, não necessitando de consultar os *Podcasts* diariamente, estando sempre ao correr das novidades colocadas pelo autor do *Podcast* (Bottentuit Junior e Coutinho, 2008).

Levando em conta Nataatmadja & Dyson (2008), “o maior benefício do *Podcast* pode estar no suporte que presta às actividades pedagógicas e não na sua substituição”. Para Chan e Lee (2005) “os *Podcasts* curtos e informais ajudam a ir ao encontro de ansiedades e preocupações dos alunos, aumentando o sentido de pertença a uma comunidade de aprendizagem (...)”; já Lee, McLoughlin e Chan (2008) mostraram que o envolvimento dos alunos na criação de *Podcasts* promove a construção colaborativa de conhecimento; Chinnery (2006) demonstrou que o uso de *Podcasts* pode trazer uma experiência cultural autêntica à aprendizagem de uma língua estrangeira; Cebeci and Tekdal (2006) demonstraram que os *Podcasts* são uma tecnologia eficaz para tornar o material de aprendizagem mais acessível a uma maior diversidade de alunos; Baird and Fischer (2006) and N’gambei (2008) atestaram que os *Podcasts* podem ser eficazes no realçar do interesse do aluno em actividades do curso e reflexão; Carvalho (2009), refere que os alunos mais tímidos podem beneficiar da utilização do *Podcast*, pela possibilidade que lhes é concedida

para falar para um microfone em privado, não enfrentando professores e colegas, acabando por melhorar, também, a sua dicção.

Uma das maiores vantagens do *Podcast*, é o facto de ser uma tecnologia a que vai ter com o utilizador e não o inverso, como explica Johnes (2005): "*Podcast system is a push technology, contrasting with the pull technology that is characteristic of many internet applications*". Os *Podcasts* são automaticamente disponibilizados ao aluno que disponham de uma ligação à Internet no computador, ou no telemóvel, não necessitando o aluno de fazer o seu *download* diariamente, dado que o agregador *RSS* faz esse trabalho.

As conclusões da maior parte dos estudos feitos nesta área, ressaltam a flexibilidade de acesso e uso dos *Podcasts*, aliada aos benefícios cognitivos e motivacionais obtidos pela audição dos mesmos.

Um processo de ensino/aprendizagem assente no *Podcast* pode originar uma nova forma de ligação/interação entre professor e aluno, principalmente em regime *e-learning*. Pode tornar-se muito útil para estudo posterior dos alunos, em qualquer lugar e a qualquer hora, usando, simplesmente, um leitor de *mp3* ou um telemóvel. A tudo isto juntam-se outras vantagens, como a possibilidade de utilizar áudio, textos, imagens, vídeo e hipertexto.

O seu uso pode, ainda, provocar uma redução do volume de material impresso, porque as tarefas solicitadas pelos professores podem ser-lhe feitas e entregues através desta ferramenta e disponibilizado via internet, dando oportunidade a que todos os alunos lhes possam aceder.

Finalmente, a considerar que o *Podcast* contribui para desenvolver a autonomia do aluno, colaborando para que ele se torne responsável pela construção de seu próprio aprendizado, e oportunidade para o educando de criar seus próprios episódios e tornar-se um *podcaster*.

O tempo dispendido na elaboração de *Podcasts* pode compensar o esforço e tempo dispendidos, pois podem ser utilizados noutras situações futuras, sendo enquadrados noutros contextos pedagógicos, sendo que, para tal, o *Podcast* não

pode versar sobre contextos demasiado específicos. É ainda desejável que sejam produzidos com boa qualidade técnica ao nível do som e/ou imagem.

Actualmente qualquer indivíduo pode aceder a esta tecnologia através do computador ou dispositivo móvel, como o telemóvel. O *Podcast* configura-se, assim, como uma ferramenta de “*low cost*”, “*low barriers*” (Lee, 2007), que permite ao utilizador organizar e determinar onde, como e quando acede aos conteúdos que lhe interessam. A tudo isto adiciona-se a portabilidade, a comodidade e, de certo modo, a gratuitidade, que tornam os *Podcasts* cada vez mais uma potencial ferramenta pedagógica.

#### **4. O que é um QR Code?**

O *QRCode* (ou Código de Barras em 2D), é uma matriz ou código de barras bi-dimensional, criado pela empresa Japonesa Denso-Wave, em 1994. O QR vem de *Quick Response*, pois o código pode ser interpretado rapidamente, mesmo com imagens de baixa resolução, feitas por câmaras digitais em formato VGA, como as dos telemóveis, ou seja, é um código de barras, mas com muito mais capacidade de informação. Pode-se encontrar um *QR Code* informação como número de telefone, textos, endereços de *e-mail*, *sites* ou *URL*. Pode-se ainda encontrar *QR Codes* em páginas na internet, anúncios de revistas, materiais de ponto de venda ou cartões de visita.

Levando em consideração que ele pode ser usado de várias formas, usamos o telemóvel como leitor de *QRCode* para o nosso projeto. No *Site Kaywa Reader*, é possível fazer um registo gratuito, que permite fazer o *download* do programa. A instalação é bastante simples e todos os passos estão explicados no *site*, em várias línguas.

Depois de instalado basta tirar uma fotografia do *QR Code* ou guardar a imagem num formato digital. No próprio *site Kaywa*, pode-se criar *QRcodes* para *URL's*, com textos, com números de telefone e ainda para enviar SMS.



## 5. Desenho Metodológico

### 5.1. Âmbito do Projecto

Como docentes que somos, e preocupados com as práticas a levar a cabo em sala de aula, por forma a trazer a mudança necessária ao ambiente escolar, adequando a escola às novas circunstâncias, nomeadamente ao uso das tecnologias pelos jovens, resolvemos demonstrar que a integração das TIC em contexto educativo é possível e pode ser muito útil para melhorar as aprendizagens dos alunos, que ficam, à partida, mais motivados e mais envolvidos neste processo.

Assim sendo, resolvemos direccionar o nosso projeto para a aprendizagem das línguas estrangeiras, nomeadamente o Inglês, pela importância global que esta língua afigura nos nossos dias, melhorando e diferenciando as práticas atualmente conduzidas pelos professores numa aula tradicional de língua inglesa, através da introdução do *Podcast* em contexto de *m-Learning*, como potenciadores das aprendizagens dos alunos.

A introdução deste tipo de metodologia poderá acontecer em qualquer nível de aprendizagem, desde que, à partida, o docente tenha o cuidado de adequar estas práticas ao contexto e alunos a quem se destinam, e que haja as condições técnicas necessárias.

Simultaneamente, pretende-se dar aos professores de Língua Inglesa (ou de qualquer outra língua) uma base de trabalho a partir da qual sejam capazes de perceber as potencialidades e como implementar esta metodologia, por forma a obter mais e melhores resultados dos alunos, ao mesmo tempo que torna as suas práticas mais adequadas ao público-alvo e às exigências que a sociedade atual nos coloca.

## 5.2. Apresentação do portal

Para levar a cabo o nosso projeto, decidimos implementá-lo *online* no portal [www.podbean.com](http://www.podbean.com).

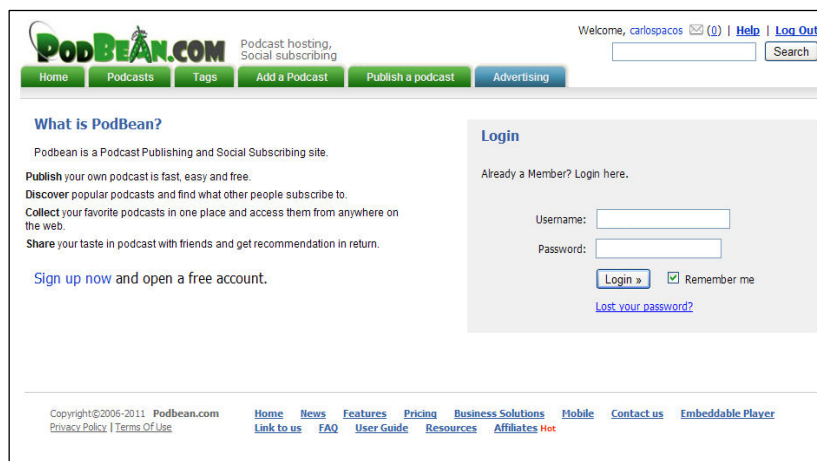


Fig.2 – Portal alojamento Podcasts

Das várias escolhas possíveis, optámos por esta por ser de fácil utilização e por, logo à partida, dispor de uma opção que nos permite aceder ao site através do telemóvel.

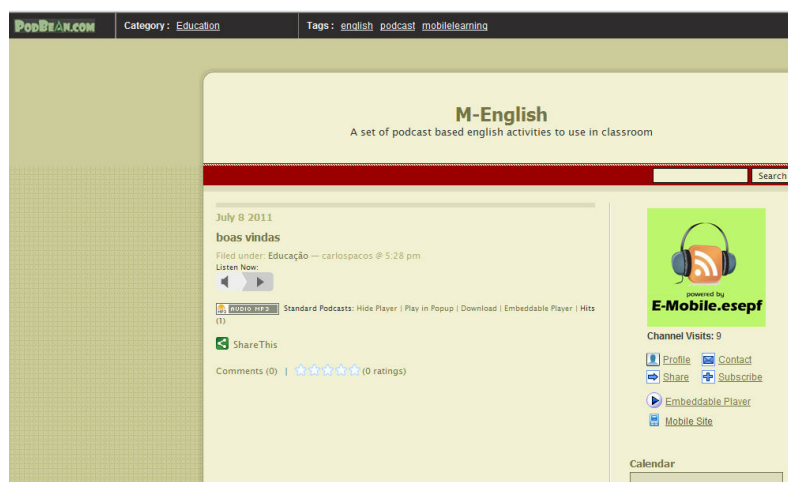
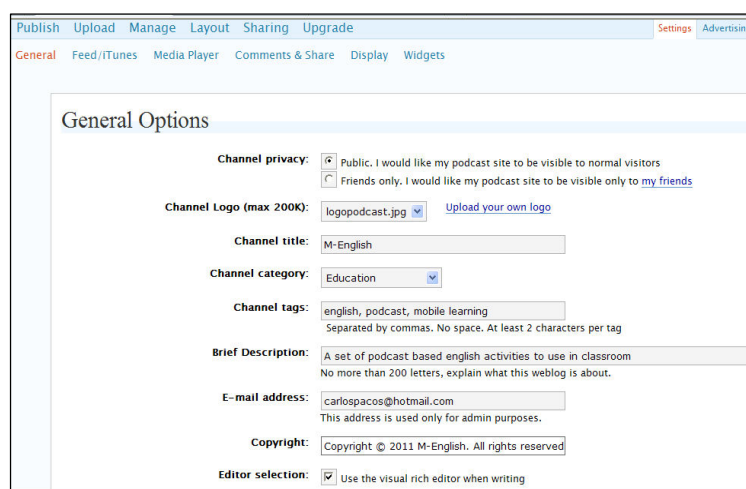


Fig.3 – Aspeto geral do Blog

Tal como qualquer outra ferramenta *Web 2.0*, devemos começar por nos registarmos, abrindo conta própria. Após o registo, fazemos o *login*, inserindo o *email* e a *password* já definidos, sendo de imediato possível visualizar o *blogue* que nos é criado para alojar os *Podcasts* criados. O *blogue* pode ser personalizado, podendo escolher-se um dos *layouts* disponíveis, bem como as *widgets* e os *links* a apresentar na barra do lado direito.



The screenshot shows a web interface for managing a podcast channel. At the top, there are navigation tabs: 'Publish', 'Upload', 'Manage', 'Layout', 'Sharing', and 'Upgrade'. Below these are sub-tabs: 'General', 'Feed/iTunes', 'Media Player', 'Comments & Share', 'Display', and 'Widgets'. The 'General' tab is active, showing 'General Options'. The options include: 'Channel privacy' (radio buttons for 'Public' and 'Friends only'), 'Channel Logo (max 200K)' (a dropdown menu showing 'logopodcast.jpg' and a link to 'Upload your own logo'), 'Channel title' (text input with 'M-English'), 'Channel category' (dropdown menu with 'Education'), 'Channel tags' (text input with 'english, podcast, mobile learning' and instructions), 'Brief Description' (text input with 'A set of podcast based english activities to use in classroom'), 'E-mail address' (text input with 'carlospacos@hotmail.com'), 'Copyright' (text input with 'Copyright © 2011 M-English. All rights reserved'), and 'Editor selection' (checkbox checked for 'Use the visual rich editor when writing').

Fig.4 – Menu de opções gerais

Na opção *General Options* é possível ao utilizador definir o título do *blogue*; o logótipo do mesmo; a categoria; palavras-chave para pesquisa (*tags*), e uma pequena descrição do *blogue*.

Ao clicar na opção “*upload*”, o utilizador pode enviar ficheiros de imagem, som ou vídeo com várias extensões.

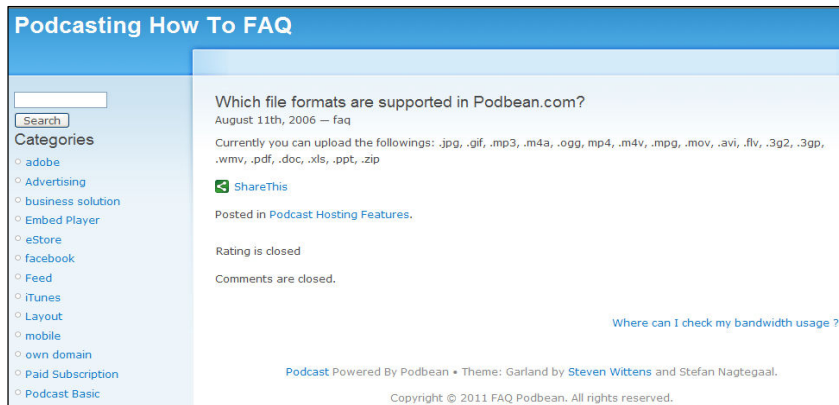


Fig.5 – Tipo de ficheiros suportados

No nosso caso, e como iríamos usar *audiocasts (Podcasts áudio)*, fizemos o *upload* dos ficheiros necessários, todos eles em formato *Mp3*, por ser um formato universalmente aceite por qualquer dispositivo, para leitura, nomeadamente nos telemóveis.

Acedendo à opção “*Publish*”, o autor poderá publicar os seus *Podcast* num “*Post*” ou numa página criada para o efeito. No nosso caso, e para o tipo de atividade aqui apresentada como exemplo, optámos por criar os nossos *Podcasts* em páginas independentes, para tornar possível o redirecionamento para cada uma delas, através do telemóvel e usando um “*QR Code*”, uma vez que se pretendia que os alunos acessem a cada um dos *Podcasts* individualmente.

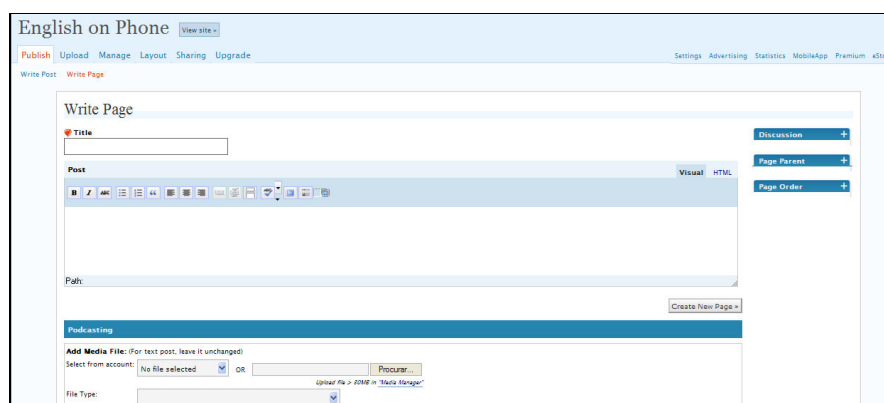


Fig.6 – Construção das diferentes páginas

Clicando em “*Manage*”, e posteriormente em “*page*”, é possível ter acesso a todas as páginas criadas, visualizá-las individualmente, editá-las ou apagá-las. De igual forma, é possível visualizar e editar todos os *Posts* e comentários existentes.

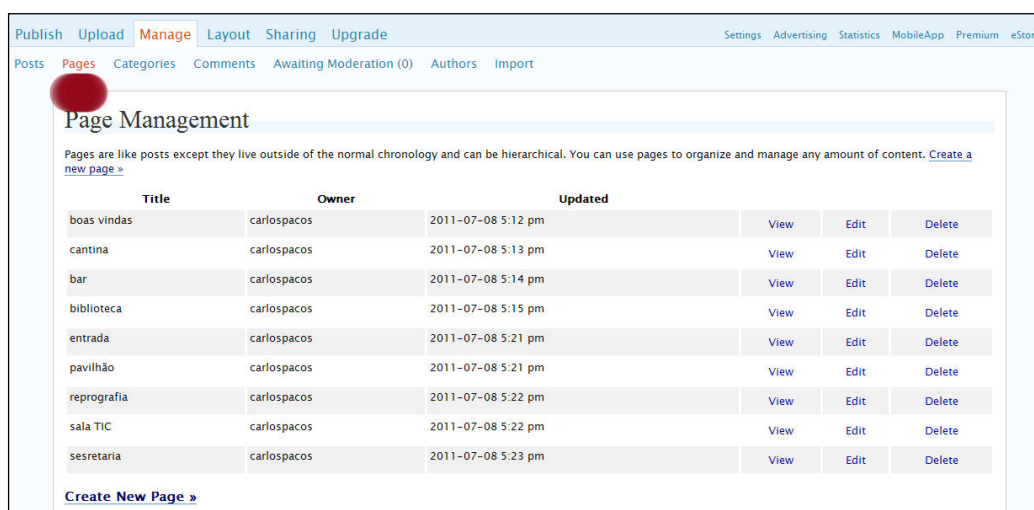


Fig.7 – gestão das páginas

Após todos estes passos, pode-se ver o resultado final clicando em “*View Site*”.

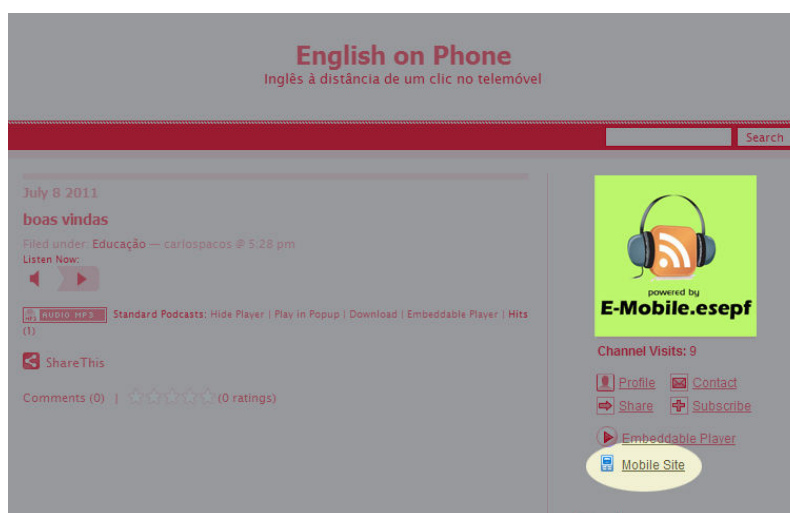


Fig.8 – Botão *mobile site*

No *blogue*, clicando no botão “Mobile Site”, gera-se automaticamente a versão Mobile do mesmo.

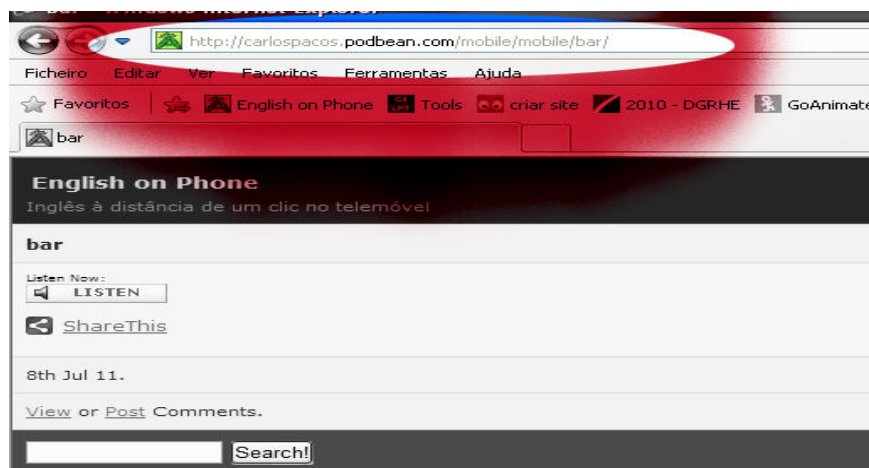


Fig.9 – Endereço a copiar

Ao clicar em cada uma das páginas, abre-se uma janela com o *Podcast* a ela associado, tendo sido a partir daqui que gerámos o *QR Code* para cada um dos *Podcasts* a usar na atividade proposta.

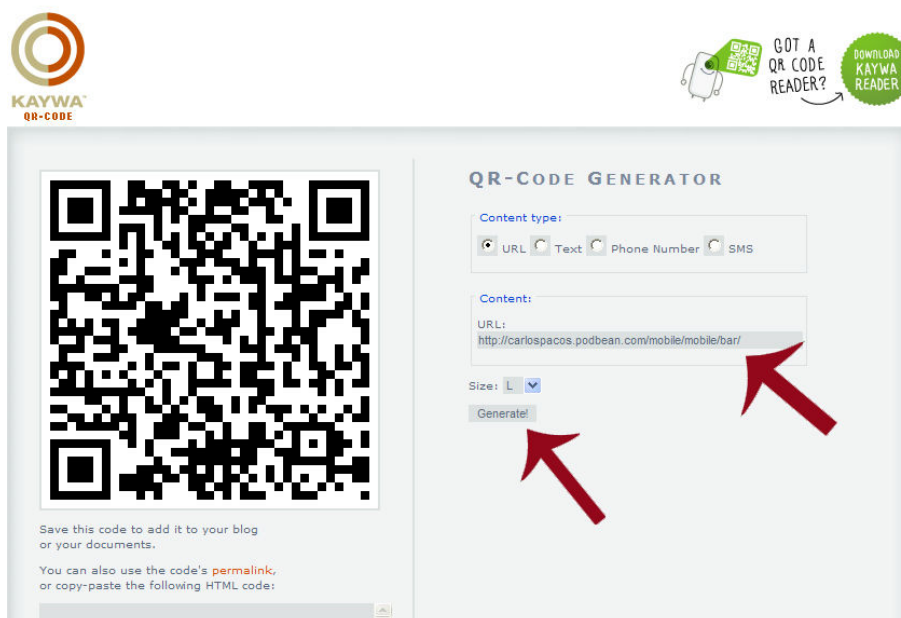


Fig.10 – Gerar QR-code

Como referido acima, o *Podcast* numa aula de Língua Inglesa poderá ser utilizado com vários objetivos, adaptando-se tipos de atividades. No nosso caso, e aproveitando o facto de quase todos os alunos possuírem telemóvel com acesso à Internet, bem como todas as potencialidades do *m-learning*, idealizámos uma atividade passível de utilizar numa aula de Língua Inglesa, que pudesse ser, também, motivadora e diferente das convencionais.

Assim sendo, criámos um exemplo de um *Peddy-Paper*, a decorrer na totalidade do recinto escolar (nomeadamente escolas E.B. 2/3 ou secundárias, ainda que pudesse ser alterado e adaptado a escolas de 1º Ciclo), em que, estando os alunos divididos em grupos, teriam que se deslocar a diferentes partes da escola, de forma a responderem a questões específicas. Tanto os locais como as referidas questões são-lhes transmitidas após a audição de *Podcasts*, que se encontram em cada uma das estações. Para lhes aceder, os alunos necessitam de um telemóvel com a aplicação “*i-nigma.mobi*” que lhes possibilitará a leitura de um *QR-Code* colocado em cada estação, o qual lhes indicará o passo seguinte.

No início do “*Peddy-Paper*”, cada grupo recebe uma ficha (ver anexo) em suporte papel, contendo dois *QR-Code*:



Fig.11 – QR-code

um de boas vindas e outro indicando a primeira missão, sendo que a ordem das missões será diferente de grupo para grupo.

Na ficha, existe uma grelha onde os alunos colocarão as respostas aos desafios lançados em cada estação. Uma vez concluídas todas as estações, os alunos têm, no final da ficha, a informação para voltarem à sala de aula (“*Good work, go to the classroom!*”).

Na eventualidade de não haver internet existe sempre a possibilidade de colocar *QR-codes* apenas com texto, como no exemplo:



Fig.12 – *QR-code* em texto



## **6. Divulgação do projeto**

Pretende-se que o nosso trabalho chegue à comunidade educativa, sobretudo através do *blogue* que ficará publicado *online*, em [www.carlospacos.podbean.com](http://www.carlospacos.podbean.com), bem como pela troca de saberes e vivências entre professores de línguas, ou pela pesquisa e recolha de informação sobre o tema.

Quanto aos efeitos práticos e visíveis deste projeto, espera-se que a metodologia aqui apresentada traga maior motivação e interesse dos alunos para a aprendizagem da Língua Inglesa, através da rentabilização das tecnologias com as quais convivem diariamente.

Espera-se, também, que os professores de Língua Inglesa se sintam motivados a experimentar e revolucionar as suas práticas educativas, compreendendo a utilidade e a importância do uso das TIC na aula de Inglês.

A consequente estratégia avaliativa do projeto advirá da frequência de consulta *online* do mesmo, da divulgação do mesmo; da motivação que possa trazer aos alunos para as suas aprendizagens; da melhoria das competências em Língua Inglesa que os alunos demonstrem, bem como a evolução constatável das aprendizagens e práticas docentes.

## 7. Considerações Finais

Tendo como meta o avançar no sentido da mudança de práticas na aula de Língua Inglesa, bem como a mudança no sistema educativo, na generalidade, esperamos que o projeto aqui transposto possa servir de incentivo e base de trabalho a professores de Língua Inglesa e, porque não, de outras áreas disciplinares, para explorarem o potencial educativo do *Podcast*, do *m-learning* e/ou da combinação dos dois. Desta forma, pretende-se, ainda, dotar os docentes de uma maior competência técnica e científica no uso das tecnologias educativas, aproximando-se das vivências tecnológicas dos alunos, bem como dar a conhecer a influência positiva na motivação dos alunos para o processo de ensino/aprendizagem de uma língua.

Posto isto, pensamos ter criado uma base de trabalho sustentável para uma metodologia de introdução das novas tecnologias em aula, nomeadamente usando o *podcast* em regime *m-learning*, já que aqui ficaram bem vincadas as vantagens e as consequências positivas a retirar do uso desta metodologia. Através do blogue criado, bem como da publicação e divulgação do projeto, pensamos estar a colocar ao dispor dos professores de Inglês, ou de qualquer outro interessado na matéria, recursos válidos para a adoção guiada destes recursos tecnológicos na aula de Inglês.

## Bibliografia

**Ally, M.**, (2009) “*Mobile learning: transforming the delivery of education and training*”, AU Press, Athabasca University, Canadá, retirado de [http://mlearning.danysto.info/library/files/99Z\\_Mohamed\\_Ally\\_2009-mobileLearning.pdf](http://mlearning.danysto.info/library/files/99Z_Mohamed_Ally_2009-mobileLearning.pdf), em 28 de Abril de 2011, 20h30.

**Alves, Paulo; Pires, José Adriano; Amaral, Luís** (2005) – “*Domus mobile: plataforma de suporte ao mobile-learning*”, In IADIS Ibero-Americana WWW/Internet, Lisboa, p.417-421, retirado de: <http://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/1943>, em 28 de Abril de 2011, 20h.

**Bottentuit Junior, João Batista, et al.** (2006), “*M-Learning e Webquests: as novas tecnologias como recurso pedagógico*”, retirado de <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6454/1/SIIE%20Webquests%20Final.pdf>, consultado na Internet a 31 de Março de 2009, em 7 de maio de 2011, 16h.

**Buzato, M. K.** (2001), “*O Letramento Electrónico e o Uso do Computador no Ensino de Língua Estrangeira: Contribuições para a Formação de Professores*”, retirado de <http://ead1.unicamp.br/e-lang/publicacoes/down/00/00.pdf> , em 6 de Maio de 2011, 20h.

**Carlão, Ana Paula dos Reis Campos** “*A integração de blogues e podcasts no ensino do inglês : impacte numa turma com percurso curricular alternativo*” , 2009 Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro, retirado de <http://biblioteca.sinbad.ua.pt/teses/2010000374>, em 28 de Abril de 2011, 19h

**Carvalho**, Ana Amélia A. (Org.) (2009) “*Actas do Encontro sobre Podcasts*”, Braga: CIEd, retirado de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/10052>, em 2 de Maio de 2011, 19h.

**Carvalho**, Ana Amélia Amorim (org.) (2008).”[Manual de Ferramentas da Web 2.0 para Professores](#)”. Lisboa: DGIDC, Ministério da Educação (pdf), retirado de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/8286>, em 29 de Abril de 2011, 11h.

**CARVALHO**, Ana Amélia Amorim, “*Podcasts no ensino : contributos para uma taxonomia*”, “Ozarfaxinars” [Em linha]. 8 (2009), retirado de [www.cfaematosinhos.eu/Podcasts%20no%20Ensino\\_08.pdf](http://www.cfaematosinhos.eu/Podcasts%20no%20Ensino_08.pdf). ISSN 1645-9180, em 2 de Maio de 2011, 19h.

**Cobcroft**, R. S.; **Towers**, S.; **Smith**, J. & **Bruns**, A. (2006) “*Mobile learning in review: Opportunities and challenges for learners, teachers, and institutions*”, em *Proceedings Online Learning and Teaching (OLT) Conference 2006*, páginas. 21-30, Queensland University of Technology, Brisbane, retirado de <http://eprints.gut.edu.au>, em 30 de Abril de 2011, 16h.

**Coutinho**, Clara. (2006), “*Utilização de blogs na formação inicial de professores: Um estudo exploratório*”, retirado de <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6455/1/Artigo%20blogs%20SIIE06.pdf>, em 5 de Maio de 2011, 11h.

**Ferreira de Melo**, F. M. B. (2010), “*Uma experiência usando o Quizionarium*”, Tese de Mestrado, Faculdade de Engenharia do Porto, Porto, retirado de <http://nautilus.fis.uc.pt/cec/teses/fernandomelo/docs/teseCompleta.pdf>, em 29 de Abril de 2011, 20h.

**Ferreira, E.**, (2010) “*Jovens, telemóveis e escola*”, *Projeto de Mestrado, em Revista Educação, Formação & Tecnologias*, n.º extra (Abril, 2010): 24-34, retirado de <http://eft.educom.pt/index.php/eft/article/viewFile/148/85> ,em 3 de Maio de 2011, 19h.

**Hendron, J. G.** (2008) “*RSS for Educators – Blogs, Newfeeds, Podcasts and Wikis in the classroom*”, ISTE, Oregon, retirado de <http://www.iste.org/images/excerpts/NEWRSS-excerpt.pdf>, em 3 de Maio de 2011, 19h.

**Lee, Mark & Chan, A.** (2007), “*Reducing the effects of isolation and promoting inclusivity for distance learners through podcasting*”, *Turkish Online Journal of Distance Education*, retirado de [http://tojde.anadolu.edu.tr/tojde25/pdf/article\\_7.pdf](http://tojde.anadolu.edu.tr/tojde25/pdf/article_7.pdf), em 5 de Maio de 2011, 11h.

**Moura, A.** (2009), “*O Telemóvel para ouvir e gravar Podcasts: exemplos no Ensino Secundário*” In **Carvalho, Ana Amélia A.** (Org.) (2009) *Actas do Encontro sobre Podcasts*. Braga: CIEd, 39-64, retirado de <http://adelinamouravitaie.com.sapo.pt/public.htm>, em 28 de Abril de 2011, 20h.

**Moura, A., & Carvalho, A. A.**, “*Podcast: uma ferramenta para usar dentro e fora da sala de Aula*”, retirado de <http://ubicomp.algoritmi.uminho.pt/csmu/proc/moura-147.pdf> , em 2 de Maio de 2011, 19h.

**OLIVEIRA, A. S. & CARDOSO, E. L.** (2009), “*Novas Perspectivas no Ensino da Língua Inglesa: Blogues e Podcasts*”, In *Educação, Formação & Tecnologias*; vol.2 (1); pp. 87-101, Maio de 2009, retirado de <http://eft.educom.pt>, em 29 de Abril de 2011, 19h.

**Prensky, M.** (2001), "*Digital Natives, Digital Immigrants*", retirado de [www.marcprensky.com/writing/Prensky%20%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf](http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf) em 3 de Maio de 2011, 11h.

**Quintilha de Menezes, C. M.**, (2009) "*Utilização de dispositivos Móveis na Escola do Séc. XXI: o impacto do Podcast no processo Ensino-Aprendizagem da Língua Inglesa no 7º Ano do 3º Ciclo do Ensino Básico*", Dissertação de Mestrado, Universidade Portucalense Infante D., retirado de <http://repositorio.uportu.pt/dspace/bitstream/123456789/355/1/TMI%2022.pdf>, em 30 de Abril de 2011, 19h30.

**Rodrigues, J. L. d. S.** (2007), "*mSynapse: Uso de m-learning no Ensino Superior*", tese de mestrado, Universidade de Aveiro, Aveiro, retirado de [http://www2.ufp.pt/~lmbq/monografias/jrodrigues\\_msc\\_ua07.pdf](http://www2.ufp.pt/~lmbq/monografias/jrodrigues_msc_ua07.pdf), em 29 de Abril de 2011, 19h.

**Savill-Smith, C.; Attewell, J.; Tribal, G. S.** (2006), "*Piloting a mobile learning teachers' toolkit in further education colleges*", London, Learning and Skills Network, retirado de <http://www.sln.org.uk/1419/downloads/newsroom/mobile%20learning%20in%20practice%202007%2003.pdf>, em 29 de Abril de 2011, 19h.

# Anexos

Grupo A



Início



1ª Missão

R: \_\_\_\_\_

2ª Missão

R: \_\_\_\_\_

3ª Missão

R: \_\_\_\_\_

4ª Missão

R: \_\_\_\_\_

5ª Missão

R: \_\_\_\_\_

6ª Missão

R: \_\_\_\_\_

7ª Missão

R: \_\_\_\_\_

8ª Missão

R: \_\_\_\_\_

Good work, go to the classroom



Grupo B



Início



1ª Missão

R: \_\_\_\_\_

2ª Missão

R: \_\_\_\_\_

3ª Missão

R: \_\_\_\_\_

4ª Missão

R: \_\_\_\_\_

5ª Missão

R: \_\_\_\_\_

6ª Missão

R: \_\_\_\_\_

7ª Missão

R: \_\_\_\_\_

8ª Missão

R: \_\_\_\_\_

Good work, go to the classroom

Grupo C



Início



1ª Missão

R: \_\_\_\_\_

2ª Missão

R: \_\_\_\_\_

3ª Missão

R: \_\_\_\_\_

4ª Missão

R: \_\_\_\_\_

5ª Missão

R: \_\_\_\_\_

6ª Missão

R: \_\_\_\_\_

7ª Missão

R: \_\_\_\_\_

8ª Missão

R: \_\_\_\_\_

Good work, go to the classroom

Grupo D



Início



1ª Missão

R: \_\_\_\_\_

2ª Missão

R: \_\_\_\_\_

3ª Missão

R: \_\_\_\_\_

4ª Missão

R: \_\_\_\_\_

5ª Missão

R: \_\_\_\_\_

6ª Missão

R: \_\_\_\_\_

7ª Missão

R: \_\_\_\_\_

8ª Missão

R: \_\_\_\_\_

Good work, go to the classroom

Todos os *QR-codes* elaborados

